

5 Análise dos dados

Nesta secção, apresento a análise do conteúdo coletado com a pesquisa de campo. Primeiramente, discutirei os significados atribuídos pelos professores às tecnologias e à cultura digital, buscando identificar elementos do imaginário tecnológico partilhado por estes profissionais. Em seguimento, debatarei as supostas mudanças na atuação docente, por meio da perspectiva do professor, no contexto de massificação do acesso às tecnologias digitais. Também será abordado o sentimento de ser docente em meio à cultura digital. Considerando o imaginário tecnológico como o eixo referencial da análise, também será tratada a relação que os professores vêm estabelecendo com as tecnologias e como percebem a relação dos estudantes com estes aparatos. Por fim, pretendo discutir sobre as práticas pedagógicas com recurso das TIC em sala de aula.

5.1 Tecnologias e cultura digital – o que os docentes dizem

Neste item, apresentarei como os professores conceituam tecnologias e cultura digital, de acordo com a maneira como eles próprios definiram esses fenômenos, ao serem questionados diretamente.

A maioria dos docentes entrevistados (doze) definiu tecnologias como: suporte, instrumental, ferramentas, aparelhos que trazem novidades. Nesta acepção, segundo o professor Ricardo, tecnologia é:

qualquer tipo de ferramenta que te facilite a vida. Qualquer coisa pode ser tecnologia naquele momento que eu utilizo. Se eu tiver que apertar parafuso, a chave de fenda é o maior recurso tecnológico, ela pode ser elétrica, ela pode ser manual, pode ser até uma faca sem ponta -- vai resolver meu problema? Vai -- eu acho que a tecnologia é um conjunto de ferramentas que eu utilizo pra resolver... pra resolver um problema.

Ana Cristina, professora de História, teve dúvidas quanto a se poderia responder acerca do conceito de tecnologia à luz de sua profissão, ou seja, sobre quais seriam as implicações desse advento para a educação. Mesmo que sua definição resvale para o âmbito mais geral do cotidiano e não, propriamente, para

a escola – *“tecnologia é... para mim, é tudo aquilo que o homem cria para facilitar a sua vida...”* – a tentativa de conceituar o fenômeno enquanto docente foi uma postura adotada por grande parte dos entrevistados.

As tecnologias digitais também foram associadas aos meios de comunicação que favorecem a divulgação de informação e, por isso, algo que possibilita o acesso ao mundo inteiro. Todos os professores destacaram o amplo acesso a informações como sendo o grande marco das tecnologias. Enfatizando o processo de ensino e aprendizagem, elas foram apontadas como recursos facilitadores deste em sala de aula; como instrumentos pedagógicos; fontes de conhecimento; aparatos que podem imprimir mais qualidade ao ensino; meios de leitura e pesquisa. Boa parcela dos entrevistados qualificou as tecnologias como fundamental para a educação e para a escola hoje.

Por outro lado, como desdobramento do viés educacional das tecnologias nos discursos desses docentes, elas não foram entendidas como tendo um fim em si mesmo, mas, como algo que, para contribuir de fato com a aprendizagem, na perspectiva da passagem do contato com informações para a construção de conhecimento, necessita de condução; *“depende de quem está conduzindo aquilo, né?”* (professor Carlos).

Quanto à incidência não especificamente tecnológica das tecnologias, estas seriam *“todas as coisas novas... não necessariamente só a máquina. Eu acho que ideias novas... projetos...”* (professora Patrícia); algo que favorece *“a melhoria e preservação da espécie”* (professor Otávio); forma *“de fazer alguma coisa de uma maneira inovadora”* (professora Rubi).

O entretenimento também foi lembrado, sendo mais atribuído à relação dos jovens com as tecnologias: *“é uma forma de entretenimento pra eles que não é pra mim. É uma forma de entretenimento... é uma forma de diversão... é uma forma de ocupar o tempo... é uma forma de se comunicar com os amigos que não é pra mim”* (professora Irina).

Os entrevistados apresentaram mais facilidade ao discorrer sobre as tecnologias em comparação a noção de cultura digital. Quando tiveram que falar dessa última questão, hesitaram mais, demoraram a iniciar a resposta, fizeram mais pausas. Talvez, por não terem ouvido falar no termo (menos comum do que tecnologias) ou por não pensarem costumeiramente sobre o advento dessa cultura, como alguns relataram.

Numa abordagem conceitual, incluindo a dinâmica das relações e práticas sociais, em que muitos docentes pontuaram a inevitabilidade e a ampliação do fenômeno, foram destacadas algumas considerações. Para o professor Derli,

Cultural digital é assim... pra mim, hoje... seria o campo específico do conhecimento que está cada vez mais ganhando independência em relação a outros campos, a meu ver. Hoje já tem toda uma cultura própria de produção nessa área. Tanto de produção, como de consumo. Então, eu acho que é isso. É um campo recente do conhecimento humano, mas que avança nesse sentido: de criar uma nova possibilidade no ser humano de extensão do conhecimento, de ampliar essa possibilidade de conhecer as coisas.

Outra definição interessante foi a elaborada pelo professor Durval. Para ele, se cultura tem a ver com atos e costumes incorporados por um determinado grupo ou comunidade, no caso da cultura digital, ocorreria uma inserção e adaptação do sujeito ao mundo digital, no qual vai se dominando certas técnicas. Para a professora Maria Amélia, por um lado, a cultura digital tem a ver com a maquinaria e, por outro, envolve as resoluções que a sociedade cria com o auxílio das tecnologias, em que as pessoas se adaptam e desenvolvem hábitos. Nesta mesma linha, para o professor Victor, a cultura digital tem a ver com novos costumes e novas práticas suscitadas na relação com os atuais meios de informação.

Num outro aspecto, como desdobramentos do conceito, algumas aplicabilidades da cultura digital foram sublinhadas: ela seria um instrumento contemporâneo de conhecimento; uma ferramenta para a educação; artefato que favorece a pesquisa. A internet apareceu, maciçamente, como sendo integrante dessa cultura, no interior da qual o costume de se acessar a rede seria uma prática cada vez mais comum. As redes sociais, concebidas como canais de comunicação, tais como, “*Youtube, Orkut... MSN... Facebook... todas essas redes sociais... isso tudo está compondo a cultura*” (professora Patrícia), também foram associadas à cultura digital. Nesta acepção mais instrumental, de acordo com os entrevistados, a cultura digital abrangeria as habilidades do homem com os artefatos tecnológicos, com a máquina, dentre as quais, o manuseio do computador e saber lidar com os mecanismos da internet e do celular.

Num contexto onde os sujeitos interagem amplamente com as tecnologias digitais, o trânsito das informações aumentou e, como mencionado, isto foi uma das características pontuadas pelos docentes ao falar de cultura digital, quesito no

qual eles não distinguiram adultos e jovens (exceto no que se refere às finalidades com se recorre as informações – adultos para trabalho, jovens para se divertir).

Por outro lado, quando a cultura digital foi associada a uma forma de linguagem (uma vez que toda e qualquer cultura tem a ver com linguagem, essa questão foi significativamente lembrada pelos entrevistados), a distinção entre gerações se revelou mais incisiva.

Neste sentido, segundo os docentes, essa linguagem atual seria um terreno ainda por se conhecer, em que certas barreiras precisam ser rompidas, principalmente, pelas gerações mais velhas: *“Olha, eu acho que a gente não tem como fugir. É o que está... sei lá, a gente tem que se adaptar. Os adultos, os mais velhos”*. (professora Sônia). Quanto ao jovem: *“é diferente do menino que já... ele é inserido nisso desde muito cedo, então pra ele é natural... é uma prática diária. Então... já vai automático...”* (professor Carlos). Para o professor Victor, *“de qualquer forma, a gente tem que se inserir nisso, porque a cada geração que vem chegando, as pessoas... sei lá, as crianças às vezes não sabem nem ler direito e já sabem mexer no aparelho, já sabem navegar na internet, buscar...”*. Desta maneira, também para a professora Márcia, *“a cultura digital é uma nova linguagem que vai existir no mundo de hoje... que os jovens, por exemplo, as crianças que nascem agora, elas já nascem dominando isso... a minha geração tem mais dificuldade”*. Diante dessas percepções de dissenso entre gerações no contexto da cultura digital, a fala da professora Ana Cristina parece reveladora de sentimentos de resistência para com as TIC: *“isso pra mim é um negócio meio... meio assim, meio assustador. Eu juro pra você. Eu tenho uma dificuldade muito grande com esse mundo... mundo desses meninos aí”*.

Pode-se dizer que, para esses entrevistados, a cultura digital seria um estilo de linguagem em cujo espaço os jovens seriam os protagonistas, pelo domínio que apresentam dos signos dessa cultura. Isto parece sugerir um dos apontamentos de Lemos (2008) em torno das tecnologias: de que a cultura tecnológica contemporânea parece ganhar uma roupagem de cultura jovem, o que, a meu ver, pode fomentar indícios do mito da digitalização no que diz respeito às diferenças geracionais.

Tratar da cultura digital enquanto linguagem requer a citação à questão específica da leitura e da escrita com os meios digitais, uma vez que, de fato, “os adolescentes passam grande parte de seu tempo diante da tela envolvidos em uma

escrita teclada criativa (criando códigos apropriados ao novo suporte), espontânea e interativa. Essa leitura-escrita hipertextual dos adolescentes dirige-se a interlocutores reais mostrando-se muito significativa para seus usuários” (FREITAS, 2009, p. 7). Se pelo viés do denominado letramento digital, os jovens estão sendo concebidos como aprendizes autoditadas, o que estes docentes trouxeram como cultura digital relativo à linguagem também teve a ver com os processos tecnológicos das ferramentas digitais.

Arlindo Machado (1997) lembra que, dependendo da maneira como utilizamos os dispositivos digitais, estes podem ser imaginados como uma caixa preta. Acredito que utilizar as tecnologias enquanto linguagem, e não apenas como mais uma ferramenta do contexto digital, implica um nível de intervenção, numa busca por penetrar no interior dessa caixa. Neste sentido, as tecnologias digitais, enquanto linguagem, incluem não somente o contato com os artefatos técnicos, mas também a apropriação mais vasta e aprofundada dos processos tecnológicos (dos quais, de acordo com a maioria dos professores, os estudantes estão se apropriando) em estreita relação com os processos sociais, devido à possibilidade de maior interação que os meios digitais propiciam e, por vezes, outros caminhos de construção de conteúdo.

A metáfora da caixa preta é interessante para pensar a relação que os entrevistados declararam estabelecer com os instrumentos digitais da comunicação. Parece que estes docentes, em sua maioria, concebem as TIC como caixas pretas. Por sua vez, eles acreditam que os alunos conseguem desvendá-las, descobrir o que tem dentro, ao dominarem os processos tecnológicos e a linguagem específica dos meios digitais da comunicação. Surpreende que, mesmo um professor mais jovem, de 28 anos, já partilhe a ideia do distanciamento entre gerações, idealizando a relação dos seus estudantes com os recursos do computador e se colocando como menos capaz de lidar com as tecnologias digitais:

A gente está alienado do processo, cara. Computador não é uma ferramenta pra você utilizar rede social... é pra você programar, pra você criar a partir daquilo ali... Pouca gente sabe o uso real da ferramenta. Você sabe construir uma linguagem lógica no computador? no Excel, por exemplo... fazer planilha de conta na escola? podia fazer... é fácil, mas a gente não sabe. Quer dizer... a gente não está acompanhando o processo... eles sabem. Qualquer moleque desses aí de quatorze anos sabe programar qualquer coisa de computador... sabe programar em Flash, sabe editar um vídeo no Movie Maker... sozinho ele vai lá... eu já ia ficar desesperado pra fazer um curso... ia procurar alguém... eu conheço um monte de aluno aqui que faz coisas no Photoshop que

eu nem imagino o que seja... e ele não aprendeu com ninguém... você entende? O uso que ele tem da ferramenta é muito mais amplo do que o meu uso. Então ele está muito mais capaz de estabelecer uma relação cognitiva com essa ferramenta do que eu (professor Valdir).

Alguns entrevistados declararam certa resistência aos aparatos tecnológicos, principalmente no contexto escolar, justificada pela relação mais afastada da geração a que pertencem com as TIC. Eles classificaram os estudantes como usuários mais especializados das tecnologias, por conta de a nova geração já ter nascido cercada por estes instrumentos. Nesta percepção revelada pelos docentes, que identifiquei como um dos indicativos do mito da digitalização, os jovens vêm sendo vistos como sujeitos privilegiados, aqueles que melhor podem e vem conseguindo transitar na seara digital. Segundo Livingstone (2011), isso teria a ver com um senso comum em torno da habilidade dos mais jovens com as tecnologias, em que estes teriam tanta facilidade com as interfaces computacionais, que relegariam aos adultos a condição de “dinossauros”.

Diante disso, algumas pesquisas vêm questionando a crença de que os jovens são altamente especializados no uso de tecnologias. Estudos realizados com crianças e adolescentes usuários de internet (LIVINGSTONE, 2004) identificaram que a frequência e a natureza de utilização da rede entre as crianças difere por grupos etários e condições sócio-econômicas. O uso entre os adolescentes também não é uniforme e depende do contexto de utilização, com experiências amplamente variáveis segundo as influências da escola e da casa. A dinâmica familiar e o grau de envolvimento doméstico foram considerados fatores significativos para o uso dos computadores.

É interessante observar que, a despeito das generalizações feitas em relação a jovens supostamente imersos na cultura digital, há consideráveis nuances no interior da categoria dos jovens usuários de tecnologias, que apontam para diferentes graduações de uso e, não somente, para uma determinada utilização profundamente especializada por parte deles (Livingstone e Helsper, 2007).

Na escada de oportunidades online (*ladder of online opportunities*), definição cunhada por Livingstone e Helsper (2007) para abordar as variações no uso das tecnologias digitais, o grau de envolvimento dos jovens pode advir de motivações, habilidades e confiança, bem como, de características demográficas.

Nessa mesma lógica, McQuillan e d’Haenens (2009) assumiram o termo “diversidade digital” para se referirem a escolhas e contrastes das atividades na internet que, de acordo com eles, são influenciadas pela idade, status sócio-econômico, normas sociais e valores culturais.

Contudo, essas pesquisas evidenciaram que um número considerável de jovens são fortemente adeptos das tecnologias e fazem uso delas, frequentemente, para coletar informações e se engajarem em atividades de comunicação. Entretanto, também se destacou uma expressiva proporção de jovens que não apresentaram níveis de acesso ou habilidades tecnológicas correspondentes à ideia da *geração internet*.

Outro indício do mito da cultura digital foi sinalizado por um entrevistado, quando tentava definir o advento. Ele indicou que uma das interpretações que podem ser dadas ao fenômeno se refere ao “*CULTo à era digital, ou seja, tudo o que é digital é legal, tudo o que é eletrônico é legal*” (professor Ricardo). Quando este docente, ao conceituar o que seria a cultura digital, menciona o aspecto do culto, mesmo que questionando e criticando esta característica, ele acabou por lembrar outra das principais premissas do mito da digitalização: a questão da novidade suprema.

No interior do culto a uma suposta realidade digital, os equipamentos digitais são enaltecidos devido a pretensas potencialidades desses meios, que confeririam a essa realidade uma perspectiva de novidade radical. No que se refere ao mito, os discursos da inovação tecnológica parecem trazer um descolamento, uma espécie de autonomia das máquinas, como se a cultura digital fosse formada somente pelos instrumentos técnicos e não pelas relações dos sujeitos com estes e entre si. Esse culto ao novo, promovido nas abrangências da cultura digital, pode induzir a um maravilhamento pelos artefatos digitais, como questionou o professor Ricardo.

Nessa vertente do mito, é interessante analisar a questão dos aparatos pontuados pelos entrevistados como sendo integrantes da cultura digital. Quando eles foram questionados sobre o advento dessa cultura, muitos sinalizaram os instrumentos que supõem fazer parte dela, pouco mencionando as práticas e as relações que também a compõem. Isto parece sugerir que estes professores, em sua maioria, partilham da noção de autonomia dos meios digitais. No quadro a seguir, foram listados os artefatos sinalizados pelos entrevistados, na ordem em

que apareceram nas falas de cada um, enquanto discorriam sobre a definição do fenômeno das tecnologias:

Nome	Aparatos tecnológicos, sistemas, alguns produtos
Rubi Merino 34 anos	Aparelhos eletrônicos, microfone, computador, gravador, retroprojetor, <i>datashow</i> , <i>internet</i> , quadro interativo, <i>cd-rom</i> , câmera digital, redes sociais
Victor Solis 27 anos	Internet, celular, câmeras, informações
Ricardo Ferreira 35 anos	Informática, vídeo game, internet, chave de fenda elétrica e manual, filmes, filmes <i>blue-ray</i> (de alta definição), <i>MSN</i> (programa <i>Messenger</i> de envio instantâneo de mensagens)
Maria Amélia 49 anos	Computador, informações, <i>internet</i> , <i>Ipod</i> , <i>Ipad</i> , celular
Ana Cristina 44 anos	<i>Blog</i>
Irina Ribeiro 37 anos	Geladeira, <i>internet</i> , computador, <i>facebook</i> , celular, informações, telefone, <i>google</i> , <i>sites</i> , <i>datashow</i>
Cecília Bastos 42 anos	<i>Laptop</i> , <i>datashow</i> , <i>internet</i> , informações, computador, celular
Durval Neto 47 anos	Quadro interativo, computador, informática
Márcia Hortência 58 anos	Informações, videoconferência, vídeos, cinema, <i>datashow</i> , computador, informática, <i>sites</i> , redes sociais
Derli Silveira 51 anos	<i>Internet</i>
Valdir Ribeiro 28 anos	Computador, informação, informática, televisão, novela, <i>internet</i> , <i>datashow</i> , jornal, filmes, cinema
Patrícia Amorim 42 anos	<i>Internet</i> , computador, filmes, reportagens, entrevistas, <i>youtube</i> , redes sociais em geral (<i>orkut</i> , <i>MSN</i> , <i>facebook</i>)
Otávio Castellani 41 anos	<i>Internet</i> , redes sociais, vídeos, <i>Youtube</i>
Carlos Boaventura 50 anos	Este professor não mencionou nenhum aparato enquanto tentava definir o que seriam as tecnologias e a cultura digital
Sonia Sarmiento 51 anos	Filmes, computador

Quadro 4 - Tecnologias apontadas no âmbito do conceito de cultura digital

Como o quadro acima indica, ao significar a cultura digital, grande parte dos docentes pontuou com mais ênfase os equipamentos que passaram pelo processo de digitalização, pouco se referindo aos instrumentos anteriores da comunicação (os meios de comunicação de massa). Isto pode indicar um dos aspectos do mito, aquele da acepção a uma novidade absoluta, em que ocorreria o êxtase pelos artefatos tecnológicos mais recentes.

Nesta linha, a internet foi pontuada em quase todas as falas, qualificada como rede digital e como uma mídia social, mas, sobretudo, como uma fonte de tudo, devido ao acesso intenso a informação que permite. Em contrapartida, a televisão, expressivamente presente nos domicílios brasileiros, pouco foi

lembrada.

Para Lemos (2008), a cultura digital não pressupõe um rompimento entre as tecnologias mais recentes e os primeiros meios de comunicação de massa (jornal, rádio, cinema, televisão etc.). O autor acentua que o advento dessa cultura não é uma espécie de último estágio na trajetória de projetos tecnocientíficos antecedentes: nesse contexto, as tecnologias digitais convivem em estreita relação com os meios de comunicação de massa. Como na homilia do mito da digitalização a história é apagada, no vilipêndio por tudo o que é antigo (Felinto, 2011), referir-se apenas aos novos aparatos como parte da cultura digital pode ser revelador do mito.

5.2

Mudanças na atuação docente e sentimentos de ser professor nos limites da cultura digital

Enfatizo, neste item, as considerações em torno da suposta mudança pela qual vem passando a profissão docente nas fronteiras da cultura digital e como estes profissionais se sentem ao exercerem a docência na contemporaneidade.

Por meio desses dois temas, o da mudança e o do sentimento, também será abordada a legitimidade da atuação docente, via percepção que os professores têm da cultura digital. Discutir a legitimidade da função docente era minha intenção inicial. Em face dos dados da pesquisa de campo, percebi que essa temática emergiu da fala de grande parte dos professores, não o termo objetivamente, mas a maneira como estou entendendo a questão. Ou seja, legitimidade teria a ver com o modo como os professores analisam seu papel em face das mudanças tecnológicas, como justificam a relevância da profissão docente em um período marcado pela intensa mediação tecnológica da comunicação e pelo amplo acesso à informação.

5.2.1 Implicações da cultura digital ao trabalho docente

Para alocar as questões que serão tratadas acerca do que os professores pensam sobre mudanças na sua atuação, devido ao contexto de tecnologias, e como se sentem nesta seara, primeiramente, pontuo algumas considerações feitas pelos entrevistados sobre as tecnologias da informação e da comunicação, no sentido das implicações desse fenômeno para o trabalho docente.

Em sua maioria, os professores conceberam as TIC como ferramentas de aprendizagem. Neste sentido, os aparatos tecnológicos foram entendidos como facilitadores da aprendizagem, ao assumir uma qualidade ilustrativa dos conteúdos, como sugere a fala de uma docente de Psicologia:

Eu vejo como um meio... de aprender. Eu acho que facilita. Um filme, eu acho riquíssimo. Eu acho que é difícil você conseguir dar uma mensagem às vezes. E eles gostam à beça dos filmes. Acho que tem que ser... entremear... usar um pouco de tecnologia e usar... também dar aula expositiva:... debates (professora Sônia).

Outra professora, de Geografia e Sociologia, também destacou a característica ilustrativa das TIC, principalmente para o aluno de Ensino Médio:

como eu te disse, você usa como recurso e eu acho que o aluno... fica mais claro pra ele, porque se não vai estar tão longe da vida dele... ele é um adolescente... é diferente da faculdade, quando você trabalha texto, aí você tem uma outra relação com o conhecimento... então eu acho que essa tecnologia facilita muito nesse sentido... o aprendizado... ele vai aprender com mais facilidade, porque ele vai concretizar aquilo que é só teórico (professora Márcia Hortência).

A pesquisa TIC Educação, nas duas edições (de 2010 e 2011), verificou que, no contexto das atividades em sala de aula, a grande recorrência é ainda de aulas expositivas, com interpretação de textos e exercícios em torno dos conteúdos expostos. O relatório TIC Educação (BARBOSA, 2012) concluiu que, ao passo que essa modalidade tradicional de aula é a mais aplicada pelos docentes, é a que menos conta com a presença de tecnologias. Por outro lado, como os trechos acima nos indicam, quando a inserção das tecnologias ocorre, uma vez que a escola tem sua lógica de trabalho centrada na leitura e na escrita, as produções audiovisuais acabam não sendo consideradas como uma linguagem com certos assuntos que, talvez, só elas possam tratar por seu modo de abordar próprio, ficando a reboque de ilustrar apenas os conteúdos que foram previamente definidos. Assim, quando as tecnologias em geral são incluídas na sala de aula

somente através de um caráter ilustrativo, corre-se o risco de as potencialidades da linguagem tecnológica não serem levadas em conta.

Em decorrência de supostamente facilitar a aprendizagem, a cultura digital incidiu na perspectiva do ensino, na concepção destes professores, contribuindo para qualificá-lo, desde quando o docente saiba utilizar as tecnologias. Isso se deve porque, para muitos entrevistados, as TIC confeririam ao ensino um aspecto lúdico.

Principalmente pelo intenso tráfico de informações, muitos professores apontaram para a perda de centralidade no ensino, classificando-se como mediadores da relação dos alunos com o conhecimento. Em consequência disto, também assinalaram as dificuldades em atrair o estudante para a aula, como nos indica o professor Victor:

como fazer o aluno, que está dentro dessa cultura digital, prestar atenção em algo que não é digital... não sei como chama isso... é analógico também... mas algo que é... como é que você vai fazer um aluno, que mexe com o computador doze horas por dia, olhar pro quadro?

Para esses profissionais, se o estudante de hoje chega mais disperso à sala de aula por conta da relação com as tecnologias, por outro lado, devido ao caráter lúdico das TIC, elas acabaram sendo vistas como importantes auxiliares para seduzir o aluno.

Quase todos os docentes concordaram com a presença das tecnologias em sala de aula, classificadas por muitos como importantes e, por vezes, até fundamentais à educação. Apenas um professor (de História) questionou a presença das TIC na instituição escolar. Para ele, é necessário mais discussão acerca dessa aproximação, até para se evitar que a escola, ao inserir as tecnologias em seu contexto, esteja atendendo a modismos, a tendências do mundo em torno, sem problematizar a aplicação específica desses aparatos à prática pedagógica e sem aferir os reais ganhos com isto.

Por fim, também foram sinalizadas as implicações negativas das tecnologias na função pedagógica. Uma entrevistada ressaltou a sobrecarga de trabalho que as TIC estão conferindo à rotina docente:

então, por exemplo, o Estado, agora... já tem um tempo... a gente que tem que digitalizar as notas... tudo bem... aí você tem o site... você digitaliza:: o aluno pode olhar as notas... por um lado facilita. O pai tem um controle. Tem uma transparência maior... mais ao mesmo tempo que você tem que fazer isso, você também tem que preencher o seu diário. Então, o professor está com um duplo trabalho, o trabalho aumentou... não diminuiu... entende? (professora Márcia Hortência).

5.2.2 – A profissão docente na contemporaneidade e marcas de permanência

Antes de considerar as percepções em torno das supostas mudanças no perfil docente, é necessário, sobretudo, tratar quais são os contornos da profissão na contemporaneidade, na visão destes professores e, nisto, quais são as características que revelaram permanências ao longo do tempo, mesmo levando-se em conta as transformações pelas quais a sociedade passou e as transformações da própria escola. Ressalto aqui que os entrevistados não foram questionados diretamente sobre o perfil da função docente nos tempos correntes, nem sobre as qualidades que denotam permanências na sua atuação. Porém, quando discorriam acerca das mudanças, muitos acabaram por indicar elementos para se pensar como a profissão vem se configurando hoje, para eles, e os indícios de permanência.

A situação precária de trabalho, que se adensou com o decorrer do tempo, atingindo um estágio atual flagrante, apareceu em muitas falas como uma das marcas da função docente, o que impediria, segundo os entrevistados, a formação continuada e, mesmo, uma atuação mais satisfatória. O baixo salário também foi uma questão recorrente e, com este, o acréscimo de trabalho. Estes dados também foram percebidos entre os professores investigados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.Br (BARBOSA, 2011). O que leva a crer que, para além dos docentes entrevistados para este trabalho, devido à abrangência nacional da pesquisa TIC Educação (idem), estas são situações vividas pela maioria dos professores na realidade brasileira.

Ao lado destas exposições negativas sobre a profissão docente, uma perspectiva mais otimista também foi defendida, cujas características seriam: a corresponsabilidade pela transformação da sociedade; o prazer vivenciado no exercício desta função; a necessidade de se estabelecer boas relações com o mundo em torno e com as novas gerações; o aspecto dialógico da atuação e a disposição para a aprendizagem permanente.

A carência de tempo também se revelou como um dos traços significativos da profissão docente. Teixeira (1998) analisa que o professor vive o período de trabalho diluído em outras searas do cotidiano, no tempo passado com a família e no tempo de lazer, sendo este último geralmente utilizado para a formação continuada. Por isso, o período despendido na escola acaba estruturando a rotina

mais geral do docente e atravessando a percepção que este tem do seu segmento profissional: cuja profissão é aquela que se define inclusive pela falta de tempo.

Assim, a reclamação pela escassez de tempo foi consensual entre os entrevistados. Uma das falas foi pontual nesse sentido, em que o tempo acabou sendo envolvido aos demais atributos negativos da função docente, já apontados. Um professor de Física relatou um pouco de sua rotina no início de carreira, marcada por sobrecarga de trabalho, na busca por aumento de retorno financeiro, acarretando na perda de tempo cotidiano de descanso e, conseqüentemente, em maior dificuldade para planejar e executar a formação continuada. Acredito que essas marcas do início da atuação, que se mantêm ao longo da vida profissional, acabam por definir, de certa forma, a profissão docente:

aí você começa a dar muita aula... interessante que você começa a ganhar mais ou menos um dinheiro legal, mas você também trabalha muito... aquela loucura que é de professor mesmo... sai de um colégio... vai pra outro, um aqui na Tijuca, outro na Barra, depois no Flamengo... eu ganhava um dinheiro legal, mas não tinha tempo de fazer nada... sempre cansado... você não tem vida normal... porque a vida normal é o cara que chega cinco horas da tarde, vai ficar com a família, vai fazer outras coisas... a gente não tem cinco horas da tarde... porque chega cinco horas da tarde, você está em outro lugar... aí você vai dar aula à noite... vai chegar em casa... onze horas, onze e meia... e a questão de corrigir prova... também leva muito tempo. O meu doutorado só não saiu até hoje por causa disso também, porque é muito cansativo... (Professor Otávio).

Essa questão do tempo também foi identificada pelos entrevistados como um dos empecilhos para o uso das TIC em sala de aula. Apesar da carência de tempo para engajarem-se em formações continuadas para as tecnologias, não raro, os docentes relataram necessitar de mais tempo para o preparo e a execução de uma aula que envolva aparatos tecnológicos, exatamente aquilo que vem faltando no exercício da profissão.

Além de algumas marcas de permanência já mencionadas acima no interior do perfil docente nos tempos correntes, outra questão se destacou: a preocupação quanto à adaptação da linguagem do professor à linguagem do estudante - como o docente se faz entender, ao transpor o conteúdo específico de sua disciplina para o cotidiano da sala de aula. Muitos professores reclamaram de que a formação inicial não lhes preparou para a sala de aula. Isto independente da idade, desde os profissionais que já se formaram há muito tempo até os novos docentes, o que, a meu ver, configura uma marca de permanência da profissão. Talvez, o conflito de linguagem ganhe mais notoriedade no contexto das tecnologias, quando ocorre uma inversão na hierarquia: no primeiro caso, quando a linguagem tem a ver com

conteúdo curricular, é o professor quem ocupa uma posição superior e deve cuidar em adaptações. Já no caso das TIC, os alunos são concebidos como mais especializados do que os docentes e, assim, mais distantes destes e menos interessados na escola (segundo relatos dos entrevistados). Na abrangência das tecnologias, se a distância entre estudantes e professores parece aumentar, isto incide numa preocupação ainda maior com a adaptação da linguagem por parte dos docentes.

Na contramão dessa distância, foi pontuada a aproximação com o aluno para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Esta necessidade está sendo identificada também como permanência porque, se não existiu sempre, pelo menos com advento da escola nova e com o movimento de protagonismo do estudante, coloca-se como um dos traços do trabalho docente, ao menos em termos de discurso. Foi no contexto da escola renovada que, ainda que outras tendências pedagógicas viessem a beber dessa fonte, a aproximação foi preconizada para a relação professor-aluno, tornando-se o ensino centrado no estudante e no grupo (LUCKESI, 1990). Interessante notar que se no quesito da linguagem as tecnologias foram vistas como um *lócus* em que alunos e docentes se distanciam ainda mais, no caso do imperativo de aproximação, as TIC estão sendo vistas, como já dito acima, enquanto instrumentos de atração, como parceiras do professor, devido ao caráter lúdico destas.

O perfil de aula tradicional também foi lembrado como uma das marcas da atuação docente que configuram permanência. Dentre as principais características desse tipo de aula estariam o local (a sala de aula) e o material utilizado (quadro negro e giz). De acordo com os entrevistados, um professor que não utiliza as tecnologias está mais vinculado aos aspectos de permanência da profissão, ao modelo antigo de ensino:

tem professor que nem usa. Por quê?... porque ele está tão amarrado, tão engessado no modelo antigo... na sua forma... que não consegui se adaptar a essa nova tecnologia... normalmente eles falam... eles alegam assim -- ah, isso é muito moderno pra minha cabeça... eu não estou acostumado com isso... eu sou do tempo antigo... meu negócio e cuspe e giz... e quadro negro -- eu mesmo estou tendo uma dificuldade muito grande pra me adaptar a essa nova realidade, porque eu tenho uma relação de quando eu era aluno, de quadro negro e giz... os professores todos davam aula assim... até na faculdade... quando eu me formei professor... eu peguei muito isso (professor Durval).

5.2.3 Mudanças percebidas na atuação docente

Diante do quadro inicial acerca das implicações da cultura digital ao trabalho docente, ainda que neste possam haver algumas indicações de mudanças na atuação pedagógica, devido ao contexto de tecnologias, aqui serão tratadas as principais propriedades de mudança, definidas enquanto tal pelos próprios professores, quando questionados diretamente sobre o que se alteraria no lugar que ocupam hoje em tempos de propagação do acesso às tecnologias digitais.

Primeiramente, ainda que a maioria dos docentes não tenham discordado da presença das TIC na escola, ressaltando a importância de tais aparatos, no geral, muitos revelaram se sentir cobrados e, mesmo, pressionados a utilizar as tecnologias em sala de aula. Acredito que esta exigência se torna cada vez mais constante e se ainda não modificou as práticas pedagógicas em si, já está sinalizada nos discursos políticos (como visto em alguns programas mencionados neste trabalho) e acaba alterando o que o professor diz ser a profissão docente hoje.

Ao passo que, para muitos, a introdução das TIC poderia transformar o formato da aula tradicional, uma das marcas que mais endossa a questão da mudança na função docente, para estes professores, tem a ver com as informações e não diretamente com a inserção dos instrumentos tecnológicos na sala de aula; tem a ver com o olhar que o docente tem sobre o estudante que chega a sala de aula hoje: um aluno que passa a desafiar o professor e passa a desafiar, conseqüentemente, a prática pedagógica, por estar em contato maciço com informações.

Desta forma, quando questionados sobre o que mudava, a questão da mediação foi uma qualidade destacada. Deixando o papel do transmissor, de detentor do saber, o docente tem sido entendido como mediador, como facilitador da aprendizagem. Sobre este tema, tem relevo o trecho que segue:

Principalmente em relação ao papel que nós temos hoje que é muito... está muito diferente da época em que eu comecei. Hoje, o profissional é mais um mediador de conhecimento do que propriamente aquele que vai transmitir. Até porque os alunos, hoje, têm acesso à muita coisa. Assim, a enormidades de informações. Então, eu acho que o papel que a gente tem hoje é de fazer essa mediação, de fazer com que o aluno transforme a informação em conhecimento. Mas não simplesmente transmitir informação. Eu sempre tento focar isso na minha linha: trabalhar essa transformação... essa mudança de qualidade da informação que ele recebe, de várias fontes... pra um

conhecimento mais apurado, mais crítico sobre a realidade (professor Derli).

É interessante ressaltar que essa mudança de lugar do docente, do centro do processo de ensino para a mediação da relação dos estudantes com o conhecimento, não se deve exclusivamente ao advento das tecnologias digitais. O professor como mediador é uma figura que vem sendo propalada desde o início do século XX em algumas vertentes pedagógicas. Mas parece que, nos discursos desses profissionais, essa ideia de mediação se adensa devido à existência de tecnologias digitais e devido à densa arena de informações desenhada no contexto atual. Como assinala Lévy (2010),

a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, *a mediação relacional e simbólica*, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (grifo meu, p. 173).

Como desdobramento dessa mediação, dessa nova posição ocupada pelo docente, quando se pensa o caso das tecnologias, surge a questão específica da mediação tecnológica. Mais a frente, enfocando a questão da relação entre professores e alunos no contexto da cultura digital, tratarei desse tipo de mediação, ou seja, como os entrevistados percebem a intervenção docente na relação entre os estudantes e as tecnologias.

5.2.4 Sentimentos de ser professor na era da cultura digital

Quando interpelados como se sentem ao exercerem a docência em tempos de cultura digital, no geral, os docentes entrevistados apontaram perspectivas para além do contexto das tecnologias. Marcas de permanência que definem a profissão docente, a despeito do contexto de transformações tecnológicas, foram vistas aqui, tais como, condições precárias de trabalho, salários irrisórios e excesso de tarefas, que acabam desestimulando o exercício da função, acarretando em dificuldades para a continuidade dos estudos e, mesmo, para o desenvolvimento de reflexões e pesquisas no âmbito corrente do trabalho.

Quando as falas fluíam para os aspectos mais gerais da profissão, acabavam assumindo um tom de desabafo, em que alguns pontos negativos foram recorrentes: os entraves percebidos como sendo gerados pelas esferas macro da gestão educacional (instâncias públicas superiores) e as limitações oriundas da infra-estrutura da escola. O acúmulo de trabalho foi destacado em dois vieses, tanto pela atividade em mais de uma escola para aumentar a renda, quanto numa mesma instituição, devido à falta de profissionais de apoio à atividade docente nos demais cargos da escola (como coordenação pedagógica e orientação educacional), o que gera sobrecarga e dificuldades para o bom desempenho da docência. De acordo com os entrevistados, tais questões prejudicam as condições de saúde do trabalhador e a dimensão reflexiva do trabalho. Os professores se sentem desamparados tanto pela escola quanto pelos gestores dos níveis macro da educação. Entretanto, se por um lado parece ser consensual um parecer pessimista em relação à profissão, em contrapartida, a maioria revelou gostar do que faz, ter prazer no desempenho da função, chegando a associar os desafios como motivos para esperança:

estou me sentindo esperançoso de ter trabalho... de ter um trabalho produtivo... tem coisas a fazer... tem coisas a dizer... tem coisas a pensar demais. Tem uma passagem que eu acho interessante. Primeiro, quando os especialistas estão discutindo no século XX sobre a morte, Hannah Arendt põe a seguinte situação -- você não pode pensar na morte, porque a morte é o inferno... você pensa na vida -- o que é certo é que você nasceu, cara... o que é certo é que você tem uma responsabilidade com o mundo... você está no mundo... o mundo agora passou a ser responsabilidade sua... isso anima. Não tem outra vida pra viver... eu tenho que viver essa e continuo com a utopia, continuo... o que eu quero fazer com a educação e o que a educação é, atualmente, está muito distante, mas se a gente não tiver motivado, quem é que vai estar? Sabe o quê que eu penso de verdade? -- se eu sair do ensino médio, piora... tem muita gente esquisita nesse negócio ((risos))... acho que eu faço um bom trabalho, se eu sair fica ruim ((risos))... eu

não posso sair e se eu não posso sair, eu tenho que trabalhar da melhor forma possível (professor Valdir).

Quando os discursos se tornavam mais específicos acerca do contexto das tecnologias, resvalavam para uma espécie de confissão. Grande parte dos entrevistados declarou uma predisposição ao que eles definiram como uma nova realidade, por acreditarem que as tecnologias são favoráveis à educação. Mesmo aqueles docentes que pouco utilizam as TIC em seu cotidiano e que acabam não recorrendo a elas no desenvolvimento de atividades em classe, revelaram a intenção de se aproximar de tais aparatos. Como visto, estes professores parecem ter adotado uma postura de filiação em relação às tecnologias no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que este seria qualificado pelo aspecto ilustrativo e lúdico das TIC. Se, no ponto de vista dos entrevistados, aprende-se com as TIC, parece ser contraditório que não se ensine a partir delas. Por isso, muitas falas assumiram um tom confessional, no sentido da declaração do não uso das tecnologias em sala que, seguidas por algumas justificativas, principalmente no tocante às condições de trabalho e a infraestrutura da escola, foram finalizadas com a autoincumbência do dever de aproximação das TIC.

O conflito de gerações na cultura digital foi um dos pontos considerados para pensar o sentimento de ser docente nesse contexto. A pretensão inicial com esse questionamento era tratar a hipótese da desautorização: se os professores estariam, por conta de um suposto pouco conhecimento das mídias digitais, “desautorizando-se” frente a uma suposta intensa utilização e/ou conhecimento das tecnologias por parte dos alunos.

Entretanto, essa pressuposição não se confirmou por meio das declarações em torno do sentimento. Os docentes não se revelaram desautorizados diante de um jovem supostamente especializado em tecnologias (mesmo que a maioria tenha partilhado desse mito, quando assumiram que se sentem menos preparados em TIC do que os estudantes). Ainda que muitos tenham se autodefinido como afeitos à utilização de tecnologias em sala de aula, por mais que, efetivamente, não estejam usando esses recursos, o que surgiu foi, por um lado, a postura de dever usar e, por outro, um sentimento do que estou denominando como uma espécie de deslegitimação da figura do professor na conjuntura das tecnologias, tema que será tratado a seguir.

5.3 Legitimidade da profissão docente

Neste item, discutirei a legitimidade da atuação pedagógica na cultura digital, a partir do ponto de vista dos entrevistados. O modo como alguns professores discursaram em torno das características que configuram mudanças na profissão docente frente à questão das TIC, bem como, sobre o sentimento de ser professor hoje, acabou por incidir em justificativas da função que exercem nos tempos correntes.

Os docentes, ao falar de si, teceram interessantes considerações sobre seu papel, no sentido da validade dessa atuação no contexto das TIC, garantida pelo lugar que acreditam ocupar na produção de conhecimento. A maneira como estão pensando a própria profissão na contemporaneidade, cuja principal mudança se deve, segundo eles, à passagem da centralidade do ensino para a mediação, revela a importância da condução para a construção do pensamento teórico.

Para pensar essa temática, tomo de empréstimo algumas contribuições da teoria da atividade (SFORNI, 2004). No contexto dessa teoria, um conceito, como alicerce para a formação do pensamento científico, não é adquirido no mero contato com o entorno. A mediação se faz necessária porque o homem não se relaciona direta e espontaneamente com o ambiente que o cerca, mas sim, governado pelos conhecimentos condensados pelas gerações humanas precedentes. Os conceitos científicos têm início numa atividade mediada em relação ao objeto, em que a consciência e a intencionalidade estão implicadas. Estas são habilidades que não são geradas espontaneamente no sujeito. É preciso que alguém exponha ao indivíduo a história dos conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores, além de auxiliá-lo na mudança de ênfase: do contato com o objeto em si para a representação mental deste (em que se exige um nível de abstração maior). Por isso, o acesso ao pensamento teórico ocorre através da educação. Na perspectiva defendida pela Teoria da Atividade, no contexto escolar, o professor exerce papel de suma relevância na formação desse tipo de pensamento.

Mesmo na seara da cultura digital, alguns entrevistados acreditam que a legitimidade de sua função se deve a essa mediação que cabe a eles exercer, pelo fato de saberem mais do que os alunos sobre o conteúdo que ensinam e de terem

mais experiência. Entretanto, a densa circulação de informações na qual convivem tanto alunos quanto docentes pode retirar estes da condição de donos do saber: devido à convivência com as tecnologias digitais, os jovens chegam à escola hoje com possibilidades de conhecer muitas coisas. Mas, para os entrevistados, o contato com informações não leva automaticamente à produção do conhecimento. Para alcançar a consciência e a intencionalidade acerca da empiria (as informações trazidas pelas TIC), a condução do adulto, em especial a do professor, é necessária.

Uma docente, que se declarou avessa às tecnologias e partilha do mito de que as gerações mais novas sabem tudo o que precisam saber para fazer uso das tecnologias digitais, percebe os estudantes como usuários natos de TIC e extremamente desenvoltos. Apesar disto, não deslegitima a profissão docente, tendo feito uma fala que coaduna com a noção de participação do professor na construção do pensamento científico:

eu acho que você tem que ter a figura do professor... independente de pedir por internet, alguém tem que decodificar aquilo pro aluno... que não é tudo também que ele vai ter, que ele vai entender... se fosse assim... seria muito simples. Então, realmente não dá... algumas partes você pode ler e entender sozinho? -- claro, dependendo da sua maturidade, sim... -- agora, pra assumir essa maturidade, tem que ter discernimento de olhar e decodificar aquilo, seja fenômeno biológico, físico, químico, seja lá o que for... você tem que ter tido, no mínimo antes, um professor. Então, ele é o decodificador, é o facilitador de tudo isso... ele pode perder um pouco aquela postura de antigamente... de que ele sabe tudo... isso está acabando... porque o acesso a informação é o mesmo pra todo mundo... na Internet, livro, seja lá o que for... agora, que continua... que isso não vai morrer, não tem como... as pessoas, elas evoluem sim... mas sempre tem aquele que sabe um pouco mais que você, já passou por experiência, já estudou mais do que você, por isso que eu passo pra você... a figura do professor... eu acho que... acredito que... não tem como acabar (professora Maria Amélia).

Este discurso parece sugerir confiança em relação ao papel do docente. Para esta entrevistada, sem as tecnologias, o professor ainda conseguiria realizar sua função que, a despeito das TIC, tem a ver com mediação na construção do conhecimento. Pode-se interpretar isso, lembrando o sentido de qualificação em Hannah Arendt (2009), para quem, a qualificação do docente se refere ao conhecimento que ele tem de sua disciplina e do mundo, conformando uma maior experiência em relação aos alunos a quem deve receber e formar, o que faz dele um mediador entre a esfera pré-política da escola e o espaço público.

Interessante notar que, ao passo em que alguns professores perceberam a atuação docente como central na construção do pensamento teórico, outros

pareceram vivenciar a crença de que as tecnologias colocariam em risco essa função, vindo a substituí-los. Neste outro extremo em relação aos discursos de validade apresentados acima, o profissional que vem se deslegitimando, a meu ver, é aquele que acredita na extinção da profissão no futuro, devido à forte presença das tecnologias. Algumas falas parecem indicar esse viés da deslegitimação, como nos trechos destacados abaixo. Surpreendeu o discurso de um professor de Física que se declarou usuário intenso de tecnologias, inclusive no contexto escolar, porém, que acredita que, em tempos de cultura digital, a profissão docente estaria ameaçada de extinção:

o que eu vejo da tecnologia e tudo que está aparecendo aí... a tendência está sendo esta... é a de extinção mesmo... eu acho que... esta figura do professor vai ser colocada num outro nível, entendeu?... porque a tecnologia está tão intensa que, sei lá, o cara vai ter um negócio tipo... hoje até tem, tem inteligência artificial... o cara... é uma máquina aqui, aí vai perguntar -- vem cá... Teorema de Pitágoras -- o cara explica o Teorema de Pitágoras, virtualmente... hologramas... roda... faz um bocado de coisa que eu, ser humano, não posso fazer... (professor Otávio).

Outra fala elucida essa mesma crença. Enquanto o docente acima percebe a inteligência artificial como um fenômeno que indica a possibilidade de substituição da figura do professor, seu colega de História vê indícios dessa extinção na educação a distância:

será que a profissão do professor está correndo o risco de ser extinta? não digo amanhã ou depois... mas, daqui há alguns anos, daqui há algumas décadas, pode haver extinção... de repente vão criar uma moda, não precisa nem criar uma moda não... olha o ensino a distância... o docente é mais virtual... se você tem empregos de grande porte, médio porte, empresas onde você tem conferências... o conferencista é um espectro... o camarada está lá viajando... ele preparou, está gravado... podem fazer isso com o professor, aliás fazem... fazem isso com o professor... vamos colocar, daqui há alguns anos, talvez, a pessoa do professor tenha deixado de existir... não sei... estou supondo... é uma hipótese... agora, é a evolução dos tempos (professor Durval).

Contudo, se a existência do profissional professor é assegurada com sólidas argumentações em torno da importância do seu papel, por que alguns docentes deslegitimam a profissão? Por que, dentre todas as transformações pelas quais as sociedades passaram desde a consolidação da escola moderna, apenas o desenvolvimento tecnológico é visto como potencial desestabilizador da profissão docente? Sendo usuários intensos das TIC no cotidiano, estes entrevistados poderiam perceber melhor o alcance e também os limites desse uso com fins educacionais e, não necessariamente, como algo que levaria a extinção iminente da profissão. Isto talvez tenha a ver não especialmente com o conceito de

tecnologias que professam, mas sim, com a percepção que trazem da própria profissão, com a concepção de educação que defendem.

Parece que as duas perspectivas, de validade e de deslegitimação, estão convivendo no mesmo âmbito profissional: como se aqueles que atribuísem ao professor um lugar de importância na construção do conhecimento, considerando-se mediadores, continuassem atribuindo ao docente uma posição central a despeito do contexto das tecnologias. Por outro lado, aqueles que acreditam que ensinar é instruir, dar respostas, acabam invalidando a função docente nesse mesmo contexto; portanto, as tecnologias poderiam substituí-los.

5.4

Breve perfil da relação dos professores entrevistados com as tecnologias no cotidiano

Uma das questões que me aproximou dos docentes foi a curiosidade em saber como eles estão interagindo com as tecnologias com as quais os estudantes tem tanta afinidade. Por isso, foi importante, no desenvolvimento desta pesquisa, buscar compreender quais são os usos e desígnios de uso que estes profissionais vêm estabelecendo com as TIC. Considero ser interessante olhar para como os professores se relacionam com as tecnologias em seu cotidiano, para então, enfocar como essa interação incide na prática pedagógica.

Uma das questões feitas aos professores dizia respeito ao uso que eles fazem das TIC em seu dia-a-dia e os fins para os quais estas são utilizadas. As respostas foram agrupadas no quadro que segue com o objetivo de saber em que medida os entrevistados estão próximos ou distantes das tecnologias.

Nome	Tecnologias do dia-a-dia	Usos e intents de uso
Rubi 34 anos	Celular, computador, <i>internet</i> , redes sociais	Postar ideias, pesquisar, contato com amigos e familiares, escutar música, ver filmes
Victor 27 anos	Celular, computador, <i>internet</i> , televisão, luz elétrica, veículos, tecnologias da medicina, remédios	Trabalho e estudo, lazer, ouvir música, ver notícias de futebol
Ricardo 35 anos	Celular, <i>palm</i> , <i>tablet</i> , <i>netbook</i> , rede <i>wi-fi</i> , televisão conectada a rede, câmera digital, roteador sem fio, coleção de <i>DVD</i> , livro digital, <i>videogame</i>	Pesquisa, conhecimento, lazer, escutar música, trabalho, comunicação
Maria A. 49 anos	<i>Internet</i> , celular, <i>laptop</i>	Buscar informações, enviar mensagens, fotografia, ouvir música
Ana C. 44 anos	<i>Internet</i> , <i>blog</i> , cinema, rádio, computador, livros, televisão	Disponibilização de material (textos) a ser utilizado em sala para os alunos. No caso dos filmes, pensa em como pode inserir na sala de aula
Irina 37 anos	<i>Internet</i> , telefone, computador	Busca de informações, dentre os quais, conteúdos de trabalho, preparar aula, preparar prova, comunicação com os amigos
Cecília 42 anos	<i>Internet</i> , computador, celular, redes sociais	Pesquisar, planejar aulas, finalidades sociais
Durval 47 anos	<i>Internet</i>	Pesquisas, leitura, jogos, relaxar a cabeça
Márcia H. 58 anos	<i>Internet</i> , redes sociais, computador, câmera digital, vídeos, celular, <i>MSN</i>	Comunicação com os alunos, pesquisar e transmitir informações, fotografia, recurso de trabalho
Derli 51 anos	<i>Internet</i> , <i>laptop</i> , rádio, filmes, televisão	Pesquisa, estudos
Valdir 28 anos	<i>Internet</i> , computador, <i>Iphone</i> , redes sociais, <i>blog</i> , filmes, televisão via <i>internet</i>	Comunicação com os alunos, ampliar a relação com os alunos, esclarecer dúvidas sobre a aula
Patrícia 42 anos	<i>Internet</i>	Pesquisar, preparar aula e receber avaliações dos alunos
Otávio 41 anos	Computador, <i>internet</i> , <i>youtube</i> , filmes	Edição de vídeo, preparar aula, propagar conhecimento, transações bancárias pela <i>internet</i>
Carlos 50 anos	Telefone, televisão, <i>internet</i> , cinema	Comunicação com os pares, fotografia. No caso do cinema, como lazer e para comentários com os alunos
Sônia 51 anos	Televisão, filmes, fotografia, <i>internet</i>	Comunicação, para imprimir trabalhos, informação

Quadro 5 - Tecnologias utilizadas pelos professores no cotidiano e as finalidades de uso

Entre as tecnologias mais utilizadas por grande parte dos entrevistados investigados, aquelas que estão mais próximas no cotidiano e às quais recorrem com maior frequência, a internet foi o grande destaque. Entretanto, é curioso perceber que, entre os docentes de escolas públicas, apenas 2 dos 13 entrevistados indicaram o *laptop* oferecido pela Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC)³ como uma tecnologia presente em seu cotidiano.

A televisão apareceu pouco e, quando mencionada, foi acompanhada do esclarecimento de que é pouco presente na rotina diária dos entrevistados. Neste panorama, começou a surgir a prática de assistir televisão através da internet, sendo mais apontada entre os docentes mais jovens.

No geral, os desígnios de uso das tecnologias no dia-a-dia foram atravessados pelo trabalho docente. Muitos professores lançam mão desses aparatos com algum intento relacionado à profissão, desde a preparação de aula até a comunicação com os alunos para esclarecer dúvidas. Como constatou a pesquisa TIC Educação 2010 (BARBOSA, 2011), os docentes vêm utilizando frequentemente as tecnologias como recursos de trabalho no momento da preparação de aulas, ainda que seja incipiente o uso destes meios na situação específica da sala de aula, envolvidos às atividades em classe. Este mesmo quadro se manteve na versão TIC Educação 2011 (IDEM, 2012), com maior incidência das tecnologias no preparo de aula em comparação ao seu uso nas tarefas executadas em classe.

Pode-se notar que a maioria dos professores entrevistados nessa pesquisa são usuários/consumidores das tecnologias, mas apenas um deles afirmou produzir conteúdo (vídeoaulas relacionados à disciplina que leciona – Física) e disponibilizar na rede para os estudantes.

Nessa seara, as tecnologias digitais parecem ser mais um meio em que se diluíram as fronteiras entre a casa e o trabalho. Ou seja, as práticas que os entrevistados declararam estabelecer com as TIC, mesmo no âmbito do domicílio, parecem ser, sobretudo, práticas docentes. Isto faz pensar que, de fato, a relação com as tecnologias implica fins e significados que tem a ver com os contextos culturais específicos, nesse caso, com o contexto profissional (escola) e suas

³ A Secretaria de Estado de Educação disponibilizou, a partir de 2008, computadores portáteis (*notebooks*) aos professores da rede. Inicialmente, foram distribuídos 50 mil *notebooks*, com acesso à internet em banda larga. Informações disponíveis em www.rj.gov.br/web/seeduc

demandas incidindo na vida doméstica. Como dito acima, os professores recorrem massivamente as tecnologias no preparo de aulas. Esse período da preparação de aulas, segundo relatos, é muito mais vivenciado na residência do que na escola. Por isso, talvez, parte dos objetivos de uso das tecnologias, mesmo no cotidiano externo ao trabalho, tem a ver com o exercício da profissão.

5.5 Percepção das finalidades de utilização das TIC pelos alunos

Os docentes investigados classificaram os estudantes como usuários intensos de tecnologias, dentre as quais, a internet e o celular seriam predominantes.

direto... eu vejo, tem aquela coisa... cotidiana... aquela coisa do celular... do cara mexendo no celular o tempo todo... até brinco com eles -- cara, em outros tempos era o tamagoshi -- não pode morrer o tamagoshi, então... você tem que ficar se comunicando com o celular, acho... (professor Carlos).

Segundo a professora Sônia, “eles adoram! Adoram mexer em celular. Eu vejo em sala, assim... pra comunicação. É, eu vejo eles usarem”. Para a professora Márcia Hortência: “eles têm o celular de última geração, entendeu? Eles usam, eles fotografam... a coisa da fotografia digital...”. O professor Ricardo analisa o uso, comparando as gerações: “hoje em dia, cada um deles tem celulares até muito melhores que os nossos, então, eles conseguem acessar a internet muito mais facilmente”. Para a professora Ana Cristina, os fins de uso do celular também refletem diferenças geracionais:

Celular pra mim, eu aperto -- alô -- e falo -- tchau -- serve só pra isso. Eles não. Eles usam isso pra acessar a internet... pra mandar recado. Eles usam isso como agenda. Eu não uso. Eu tenho minha agenda de papel, entendeu? Faz parte do mundo deles, não faz parte do meu mundo...

A professora Rubi percebe a intensa relação dos alunos com o celular também no contexto da sala de aula:

Na sala de aula... quando eu estou dando aula de espanhol, o que eu percebo é o contato deles direto, incessante, contínuo com o celular... muitos têm acesso à internet via celular... então, isso é o que chama mais atenção... todos com o celular o tempo inteiro... mesmo pedindo celular vibrando na mochila... ainda assim, você tem que ficar fiscalizando se não tem debaixo da mesa... fazendo alguma coisa... então, isso é o que chama muita atenção.

Na visão da maioria dos professores, o acesso à internet já não é uma questão para os jovens, pois grande parte dos alunos dispõe de computador nos domicílios, com conexão. Aqueles que ainda não contam com estes aparatos em suas residências, não têm dificuldade em acessar a internet em *lan houses*, na casa de familiares ou amigos, como sugere a fala do professor Victor: “*não são todos que tem computador em casa... mas acesso sempre tem... que eles podem, enfim... acessar em lan house ou, vai na casa do amigo, na casa da avó, na casa de alguém que tenha...*”

Como visto, um dos traços da relação dos entrevistados com as tecnologias foi condicionado pelo fato de serem docentes, quando as TIC estão sendo utilizadas como recursos de trabalho, mesmo no interior da casa, atravessando o tempo do lazer e do descanso. Em contrapartida, quando questionados sobre o que achavam dos desígnios com os quais os estudantes utilizam as tecnologias, acreditam que estes pouco recorrem às TIC para fins educacionais, sobressaindo-se, nesse uso, o entretenimento e o lazer: “*a maior parte dos alunos ficam nos jogos, na questão do entretenimento... não trabalham a partir da lógica educacional, entendeu? Não fazem disso um instrumento de aprendizado*” (professor Derli).

Desta forma, para a professora Ana Cristina:

Eles usam pra se distrair... Mas nunca... Nunca não, não posso dizer nunca. Mas, eu acho que não com o intuito de... de utilizar como ferramenta de trabalho, de ficar pensando sempre nesse aspecto de formação, por exemplo, formação profissional. Eu acho que são poucos os que fazem isso. Posso estar sendo, sei lá, conservadora, preconceituosa também.

Na opinião do professor Victor:

A maior parte do tempo que eles gastam, mexendo com esse meio digital, é por lazer mesmo. Eles têm mais... enfim, eles aproveitam o tempo de lazer, talvez, mais do que eu... do que, por exemplo, o pessoal da faixa etária anterior utilizava na internet, por exemplo.

Os alunos também foram vistos como “dependentes das redes sociais”, por se comunicarem com os pares maçicamente por esses meios.

Eu acho que os alunos... eles conversam mais entre eles pela rede social. Eu acho que os alunos dessa faixa etária que eu trabalho, eles usam pouco e-mail, eles usam mais as redes sociais... eu já uso mais pra ver e-mail, além das redes sociais... mas, eu percebo assim... até por eu ter uma filha adolescente, minha filha usa muito MSN e os alunos também... eles usam mais essa tecnologia nesse sentido... A diferença, eu acho que é essa... porque eles entram mais no bate-papo... Eu também uso... mas, eu acho que

a constância e a frequência com que eles usam é muito maior do que a que eu uso... então, nisso eu vejo diferença (professora Márcia Hortência).

Para a professora Cecília, os alunos são desinteressados em recorrer às tecnologias para outros intentos distintos da comunicação e do lazer: *eu vejo um desinteresse geral. Eu acredito que eles recorram mais pra essa parte de rede social... de MSN... entendeu? Acredito que seja mais pra isso mesmo.*

A comparação entre o modo de uso de redes sociais por professores e por estudantes é também recorrente na fala do professor Durval, que afirma que os jovens usam as tecnologias com alta frequência nas redes sociais, principalmente, para diversão e comunicação e, ao mesmo tempo, indica que este é o uso que ele próprio faz: *“eles vão mais pra se divertir... sites de relacionamento... ficam no bate-papo... agora o famoso Facebook... eu tenho Facebook, tudo bem. Mas, eu não fico o tempo todo que nem eles... é uma vez ou outra, pra relaxar a cabeça”.*

Na esteira da comparação, os professores mencionam a pesquisa como uma das atividades mais praticadas por eles no uso da internet e acreditam que esta seja a menos exercida pelos estudantes. Para os entrevistados, quando a pesquisa ocorre entre os alunos, estes não são autônomos, pesquisando apenas quando são induzidos (geralmente, pelos docentes).

Eu acho que, por exemplo... o que eu vejo... em grande parte dos meus alunos... a questão da pesquisa ainda não está... não está disseminada não. De pesquisar... é só quando ele é induzido a isso. Aquela autonomia da pesquisa... muito pouca... nos meus alunos. Mais é a rede social mesmo. As redes sociais... impressionante a relação que eles têm. De dependência mesmo! Todo dia... Então, é o que eles, propriamente, têm contato. Agora, com pesquisa... muito pouco (professor Derli).

Na perspectiva destes professores, apesar do amplo acesso a informações na cultura digital, os estudantes não estão desenvolvendo competências fundamentais para a pesquisa, tais como: reconhecimento da confiabilidade das fontes, julgamento das informações, seleção e síntese dos dados.

5.6 Práticas pedagógicas e tecnologias

Este item da análise trata das práticas pedagógicas em sala de aula com recurso de tecnologias. Ao longo da análise, foi recorrente entre os entrevistados a declaração de baixo uso de TIC envolvidas as atividades em classe. A maioria dos professores justificou essa baixa frequência por meio de alguns entraves à utilização das tecnologias, tais como o pouco suporte dos gestores de instâncias superiores, a cultura escolar (que, geralmente, conduz ao não uso de TIC em sala de aula) e a precária infra-estrutura da escola.

Neste sentido, destaco algumas falas que pareceram representativas dessas principais reclamações apontadas pelos professores. Enfatizo, nestas reivindicações, os três aspectos que emergiram como justificativas para as dificuldades em utilizar as tecnologias na escola:

- aquele que diz respeito ao respaldo das esferas macro da educação;
- aquele que se refere à ambiência escolar, no sentido da formação de uma cultura para o uso das tecnologias ou não;
- aquele relativo à infra-estrutura da escola.

5.6.1 Gestão macro da educação – formação para as tecnologias

O discurso, ele exige. Mas, ele não dá suporte para que as coisas sejam utilizadas, como eles exigem que a gente utilize. Me deram um laptop. Me deram um modem de laptop. Aí, o modem do laptop não funcionou... cadê o cara? o suporte técnico, pra fazer aquela porcaria funcionar? Eles não te dão condições de você usar aquilo da melhor maneira possível. Eles deram computador pra um monte de professor que já estava se aposentando e que não sabia nem como ligar aquele negócio na tomada, sabe? Pra sociedade o discurso é -- Ah, os professores vão estar inseridos no mundo, no mundo digital – mas, pra muita gente, pra gente, a princípio, era só pra lançar nota. Depois, é que eles foram abrindo um pouco mais... a gente não conseguia acessar outras coisas que não fosse o site da Secretaria de Educação, pra lançamento de nota, no início. E isso não era dito. Eles também não oferecem condição perfeita pra que a gente utilize da melhor maneira possível. Aí, vem pra cabeça da gente como um elefante branco. E as pessoas ficam até mais raivosas em relação a essas coisas novas -- pra quê que eu quero esta porcaria, sabe? O discurso é um... e a realidade é completamente diferente (professora Ana Cristina).

Neste trecho, a docente se refere à maneira como as iniciativas políticas, na percepção dela, oferecem suporte para a relação entre os professores e as tecnologias. Para ela, o uso de TIC por parte dos docentes tem sido colocado

como uma exigência, entretanto, não são oferecidas as condições necessárias para isso, mesmo nos programas que disponibilizam equipamentos ao docente.

Esta fala parece sugerir que para o uso de tecnologias se tornar uma realidade comum nas escolas e no trabalho do professor, é necessário algo mais do que o acesso. Como foi exposto inicialmente neste trabalho, em muitos projetos de formação docente para as tecnologias, parece haver uma maior ênfase na capacitação técnica para o uso dos equipamentos tecnológicos. Entretanto, nenhum dos professores entrevistados se sentiu preparado para esse uso via os projetos de formação, aos quais nem chegam a recorrer por falta de informação sobre os cursos e de tempo para realizá-los. Por outro lado, a carência de espaços de discussão dificulta que se considerem as concepções do docente em torno das tecnologias e que se encaminhem melhor as iniciativas que estão sendo postas de cima para baixo. Sem colocar essas perspectivas em pauta, os aparatos tecnológicos acabam sendo subutilizados, dando margem para que impressões negativas acerca destes se radiquem, o que pode contribuir, ainda mais, para que os professores sejam resistentes a usar as tecnologias no contexto escolar.

5.6.2

Ambiência escolar - cultura para o uso ou não de tecnologias

Outra fala significativa das reclamações apontadas enquanto obstáculos para o uso das TIC na escola foi a de uma docente de Inglês. Ela indicou a questão da ambiência escolar, que estou associando à adoção de uma cultura para o uso ou não das tecnologias em sala de aula.

eu acho que não é só o sistema... eu acho que é isso tudo. O sistema... a escola em si, entendeu? Porque, de repente, quando o diretor é uma pessoa mais ligada à tecnologia... de repente, o diretor é mais interessado em investir... Então, assim, existem coisas que vêm muito também da própria escola. Se o diretor, coordenador [...] não for ligado à tecnologia, não adianta. Então, não é só o sistema. Não é só o governador. Tem também muito da parte da escola em si. Porque quem não for ligado, não se interessa (professora Cecília).

O relato desta docente coincide com uma das considerações observadas pela pesquisa TIC Educação 2010 (Barbosa, 2011). Esta investigação

“identificou que o ambiente escolar como um todo e a liderança da escola são fatores fundamentais para a integração das tecnologias à educação. A postura dos diretores em face às tecnologias é elemento central para se compreender limitações e

lacunas no diálogo entre as TIC e a prática pedagógica” (p. 131).

O discurso do professor Carlos parece sugerir essa mesma crença:

Não é um fim em si mesmo, não -- ah... que bom ter uma escola tão aparelhada e, agora, vai ser bacana! -- Não! Depende ... depende de quem está conduzindo aquilo. Eu conheço gente que já trabalhou numa escola que tinha ótimo laboratório de mídia, mas a cultura da escola era conservadora... então... o cara travava.

O conceito de cultura escolar desenvolvido por Viñao Frago (2000) é interessante para pensar esse ponto. Para o autor, a cultura escolar, enquanto construto de uma instituição educativa, coloca-se como oposição às mudanças propostas pelo entorno. Assim,

O concepto de cultura escolar como um conjunto de teorias, ideas, princípios, normas, pautas, rituales, inércias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo em forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas em entredicho y que proporcionan estrategias para integrarse em dichas instituciones, para interactuar y para llevar a cabo, sobre todo en el aula, las tareas cotidianas que de cada uno se esperan, así como para hacer frente a las exigencias y limitaciones que dichas tareas implican o conllevan. Sus rasgos característicos serían la continuidad y persistencia en el tiempo, su institucionalización y una relativa autonomía que le permite generar productos específicos [...] (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 2-3 apud FILHO et al., 2004, p. 148).

A cultura escolar pode incidir em diferentes vertentes na rotina da escola, influenciando a formação de hábitos e práticas. No caso das tecnologias, o uso ou não destes aparatos pelos docentes na sala de aula pode ter a ver com a cultura geral da escola, ou seja, com os hábitos (ou falta deles) desenvolvidos por toda a comunidade escolar.

Apesar de reconhecer a relevância do sistema educacional em nível macro, como aquele composto pelas esferas governamentais, alguns entrevistados acreditam que os gestores do espaço micro da escola também exercem influência quanto ao uso ou não de TIC por parte dos atores escolares, o que corrobora com a ideia de que a cultura escolar se traduz também numa relativa autonomia da escola diante das determinações de instâncias superiores, condicionando um ambiente escolar mais afeito às tecnologias ou mais resistente a estas. Em consonância com o conceito de cultura escolar aqui apresentado e com as falas destes professores, considero que a cultura no interior da escola tem mais a ver com posturas de resistência do que de abertura à inserção das TIC no espaço escolar. Esta impressão foi partilhada pela maioria dos entrevistados que

revelaram se sentir pouco respaldados pela escola para o uso das TIC, tanto pelos aspectos relacionados à cultura escolar quanto pela infra-estrutura precária.

5.6.3 Infra-estrutura da escola

Você esbarra no seguinte... chega numa escola onde você não tem aparelhagem suficiente; não adianta também você querer mexer, saber mexer, porque... não vai mexer. Como? Se só tem um aparelho pra sessenta professores... pra cada turno deve ter o quê?... uns vinte professores se esgoelando, por causa dessa máquina... Então, é o seguinte: eu desisto rapidinho... porque também você tem que ter esse incentivo... Então, numa sala dessa daqui... só passar o olho pra você ver que isso não é disponível... Então, deixa pra lá! Eu me viro... porque daqui que eu arrume essa máquina, eu já desenhei, já pintei e bordei e já entenderam... Isso também dá um desânimo! Vou ficar o dia inteiro esperando computador, datashow, uma série de coisas ficar disponível? Então, eu vou usar o que está aí. Em prol dos alunos, com certeza, eu acho que eu... talvez, eu veja isso tudo com mais empatia... mas, a falta de interesse também vai por aí... porque não tem um material disponível... Aprender pra quê?... É fogo! É meio ignorante isso... mas, eu não vejo de outra forma... (professora Maria Amélia).

Neste mesmo aspecto, a professora Rubi, com apenas dois anos de exercício do magistério na rede pública, declarou:

Eu começo a perceber que é uma estrutura que não foi feita pra funcionar... não é mesmo. Fica claro que não é! Não é o objetivo do governo. O acesso à internet no laboratório é lentíssimo... não tem funcionário... e aí é muito frustrante... muito!

Para a professora Ana Cristina:

A gente tem uma dificuldade muito grande de usar essas coisas dentro da escola, por conta das carências da escola. Ela tem uma carência muito grande de informação... de aparelhamento... de tudo. É muito difícil. Porque a gente tem que marcar. Tem uma pasta ali pra marcar. Então, é uma fila de espera enorme... é complicado.

A questão da estrutura é significativa para o uso das tecnologias em sala de aula. Todos os entrevistados, sem exceção, apontaram a estrutura precária da escola como uma das principais causas para o não uso de TIC no desenvolvimento de práticas pedagógicas. Este dado coincide com os resultados obtidos pela pesquisa, já citada neste trabalho, desenvolvida pelo Programa de Trabalho sobre a Sociedade da Informação da UFRJ (LISSOVSKY & SORJ, 2011). Numa amostra de 475 docentes atuantes no Rio de Janeiro, apenas 7% considerou a infraestrutura da instituição como suficiente para a utilização das tecnologias.

5.6.4 Formação

Outros pontos puderam ser observados quanto à utilização das TIC em sala de aula, dentre os quais a formação em nível inicial e continuado para o uso das tecnologias. É flagrante perceber que os professores, de acordo com relatos deles, não foram preparados para práticas pedagógicas que envolvessem tecnologias, durante a formação inicial. Mesmo os profissionais mais novos revelaram não ter vivenciado, em suas formações, nenhuma iniciativa deste tipo. Já quanto à formação continuada, um docente de Filosofia, atuante tanto na rede particular quanto na rede pública, declarou:

Nós não somos preparados. Eu, como eu te falei, eu nunca fiz institucionalmente, nem na rede pública, nem na rede privada, nenhum curso pra trabalhar com tecnologia. Eu já estou há vinte e dois anos no magistério e não me lembro de -- olha, vai ter uma especialização, um curso pra trabalhar a tecnologia no espaço escolar... -- Então, não! Não tem essa demanda a partir da rede pública, infelizmente. Mas, eu acho que é necessário. O debate é permanente (professor Derli).

Os entrevistados também relataram sentir falta de situações de debate em torno das implicações das tecnologias no trabalho docente, que os incluíssem, o que coincide com o que foi verificado nos projetos de formação para as TIC mencionados nesta pesquisa, dentre os quais, o ProInfo.

Dos professores que declararam tentar a inserção das tecnologias na sala de aula, isto apareceu como uma iniciativa isolada, fruto de aprendizagem também decorrente de ações autônomas, sem o suporte de cursos de capacitação específicos para tanto.

Quase todos os docentes sinalizaram a questão do tempo como um grande empecilho à formação continuada para o uso das tecnologias. Como visto, a escassez de tempo se apresentou como uma marca da profissão docente na contemporaneidade. Do grupo de professores entrevistados, apenas dois declararam ter participado de iniciativas de preparação para o uso de TIC em sala. Importante ressaltar que, esses dois profissionais atuam na rede particular de ensino. Outra docente, de Sociologia e Geografia, atuante somente na rede pública, relatou saber da existência de um ou outro curso, mas, devido à falta de tempo, nunca participou de nenhum.

O Governo do Estado ofereceu o curso de informática... mas, assim, tem que ver que o professor não trabalha numa escola só... Para ele ter um mínimo de dignidade de sobrevivência, ele tem que trabalhar em mais de um local. Com o salário que a gente

ganha... Então, nem sempre os cursos oferecidos estão de acordo com a possibilidade do professor, entendeu? O Estado andou oferecendo, mas eu não tive tempo de fazer isso... aí, assim... na verdade, as coisas que a gente faz, efetivamente... faz assim... praticando (professora Márcia Hortência).

Diante dessas declarações, pode-se refletir sobre o anacronismo entre a formação docente que, segundo os entrevistados, não garante o preparo para práticas em sala de aula com o uso de tecnologias, e como alguns textos políticos retratam estes profissionais: como principais aliados da aprendizagem no contexto tecnológico atual. Concordo que os professores devam ser mediadores da relação entre os alunos e as tecnologias no âmbito escolar, mas, para tanto, acredito que eles precisam ser preparados, iniciativas para as quais muitos relataram falta de tempo e, por vezes, de informação. Neste sentido, à luz de uma realidade irreversivelmente tecnológica, muita coisa precisa mudar na profissão docente, desde a formação inicial até as condições de trabalho do professor, inclusive, garantido a formação continuada.

5.6.5 Idade

A priori, não tinha idealizado entrevistar somente professores próximos às tecnologias digitais, nem, tampouco, era uma pretensão a divisão do conjunto de entrevistas entre docentes que tivessem boa relação com tecnologias e aqueles mais distantes. Mas, a questão da idade do professor era uma curiosidade inicial. Pretendia entrevistar profissionais com mais experiência e os recém-chegados à docência, com o intuito de entender em que medida a faixa etária e o tempo de exercício da profissão podem ser fatores relevantes para o uso das tecnologias no contexto escolar.

De acordo com os dados da pesquisa TIC Educação 2010 (BARBOSA, 2011), os docentes mais novos recorrem mais às tecnologias em comparação aos mais velhos. A pesquisa do Programa de Trabalho da UFRJ (LISSOVSKY & SORJ, 2011) chegou à mesma constatação: os professores do Rio de Janeiro (de 21 a 30 anos) revelaram maior intimidade com os artefatos tecnológicos em relação aos de faixa etária superior, sendo também mais frequentes na utilização da internet do que estes.

Apesar desta distinção por idade, o estudo TIC Educação 2010 (idem, 2011) constatou que o docente é o segmento da população em geral que tem mais familiaridade com as tecnologias. A aproximação com as TIC também foi notada entre os professores entrevistados para esta dissertação. Mesmo com certa diferença por faixa etária (onde os mais jovens tenderam, de fato, a recorrer mais as TIC no cotidiano), a maioria desses docentes estão bastante próximos das tecnologias em sua rotina diária.

Entretanto, quando se considera a utilização das TIC na escola, parece que a idade não é tão expressiva. As duas edições da pesquisa TIC Educação (2010 e 2011) verificou que as tecnologias ainda não penetraram, de forma significativa, as atividades em sala de aula, mesmo entre os professores recém-chegados à docência. Segundo a última versão da investigação TIC Educação (BARBOSA, 2012), apesar de a maioria dos docentes (94%) possuírem computador no domicílio (com 88% destes conectados à Internet), a utilização de TIC na escola cai consideravelmente.

O pouco uso das tecnologias em sala de aula também foi verificado entre os professores investigados neste trabalho. A seguir, apresento um quadro com as TIC que já foram apontadas pelos docentes como aquelas que estão presentes em seu dia-a-dia (quadro 5), mas, agora, serão sinalizadas também as tecnologias que eles disseram trazer para a sala de aula.

Nome	Tecnologias do dia-a-dia	Tecnologias presentes na sala de aula
Rubi 34 anos	Celular, computador, <i>internet</i> , redes sociais	Já trabalhou com um <i>site</i> de idiomas. Usa livro didático e <i>CD-ROM</i> (que acompanha o livro)
Victor 27 anos	Celular, computador, <i>internet</i> , televisão, luz elétrica, veículos, tecnologias da medicina, remédios	Vídeos, projetor
Ricardo 35 anos	Celular, <i>palm</i> , <i>tablet</i> , <i>netbook</i> , <i>rede wi-fi</i> , televisão conectada a rede, câmera digital, roteador sem fio, coleção de <i>DVD</i> , livro digital, <i>videogame</i>	Celular, <i>netbook</i> , <i>datashow</i>
Maria A. 49 anos	<i>Internet</i> , celular, <i>laptop</i>	Não utiliza
Ana C. 44 anos	<i>Internet</i> , <i>blog</i> , cinema, rádio, computador, livros, televisão com uma frequência menor	Filmes, <i>datashow</i>
Irina 37 anos	<i>Internet</i> , telefone, computador	Não utiliza
Cecília 42 anos	<i>Internet</i> , computador, celular, redes sociais	<i>Notebook</i> , <i>datashow</i>
Durval 47 anos	<i>Internet</i>	Quadro interativo (equipamento disponibilizado pela escola)
Márcia H. 58 anos	<i>Internet</i> , redes sociais, computador, câmera digital, vídeos, celular, <i>MSN</i>	Vídeos, <i>datashow</i> , filmes, <i>youtube</i> . Procura levar os alunos ao cinema
Derli 51 anos	<i>Internet</i> , <i>laptop</i> , rádio, filmes, televisão mais raramente	Não utiliza, apesar de indicar <i>sites</i> para os alunos
Valdir 28 anos	<i>Internet</i> , computador, <i>Iphone</i> , redes sociais, <i>blog</i> , filmes, televisão via <i>internet</i>	Não utiliza, mas deixa os alunos consultarem celular e <i>Iphone</i> durante as provas. Leva a turma ao cinema
Patrícia 42 anos	<i>Internet</i>	Filmes, reportagens, entrevistas
Otávio 41 anos	Computador, <i>internet</i> , <i>youtube</i> , filmes	<i>Internet</i> , vídeos (editados por ele mesmo), efeitos especiais, <i>youtube</i> , apresentação em <i>power point</i> , <i>datashow</i> (pessoal; não usa o da escola)
Carlos 50 anos	Telefone, televisão, <i>internet</i> , cinema	<i>TV</i> e <i>DVD</i> (por conta do projeto Autonomia). Tenta trazer filmes para a sala de aula
Sônia 51 anos	Televisão, filmes, fotografia, <i>internet</i>	<i>Laptop</i> , apresentação em <i>power point</i> , <i>datashow</i> (pessoal; não usa o da escola), filmes

Quadro 6 – TIC presentes no cotidiano e aquelas presentes na sala de aula

Se no quesito da preparação de aula, na pesquisa TIC Educação (2010 e 2011) e entre os entrevistados para esta dissertação, as tecnologias estão sendo consideravelmente utilizadas, inclusive no espaço da casa, atravessando os tempo de lazer e descanso, esse uso tende a se reduzir quando a questão são as atividades em sala de aula, independente da idade.

Comparando as tecnologias presentes no cotidiano dos professores entrevistados e as tecnologias que são inseridas por estes na sala de aula, houve, de fato, uma ligeira queda. E isto parece ter a ver, segundo relatos deles, com problemas estruturais da escola, falta de tempo para a preparação de uma aula em outros moldes distintos da aula tradicional (como vimos, a insuficiência de tempo foi um dos traços da profissão docente) ou, ainda, a capacitação incipiente para o uso das TIC no âmbito escolar (tanto em nível de formação inicial, quanto de formação continuada).

Por fim, a faixa etária foi relevante para o que estou definindo como uso social das TIC (o uso cotidiano), contexto no qual os docentes mais jovens, de fato, demonstraram maior proximidade com as tecnologias. Entretanto, como já dito, quando a demanda foi inserir estes artefatos na sala de aula, envolvendo as tecnologias às práticas pedagógicas, a idade não se mostrou um fator tão proeminente. O que parece haver não é uma distinção por idade, mas, sim, por contexto. Parece haver uma distância entre o uso social e o uso das tecnologias na seara escolar. Lara & Quartiero (2011) já haviam sublinhado essa questão. Para os autores, há que se reconhecer os limites entre o uso social das mídias e o uso destas na escola. Tanto os jovens quanto os professores convivem e utilizam “as tecnologias digitais disponíveis em diversos contextos de seu cotidiano, mas não da mesma maneira em seu dia-a-dia na escola” (IDEM, p. 2).

A distância entre o uso cotidiano/social e o uso das TIC na escola foi justificada pelos entrevistados por alguns ponto já mencionados aqui (suporte da instituição escolar, carência de tempo e formação). Mas, segundo os fins deste trabalho, discutirei mais adiante características relacionadas ao imaginário tecnológico desses docentes, buscando analisar se este pode estar incidindo sobre a cisão entre o cotidiano e a escola e sobre a interface TIC e sala de aula.

5.7 Mediação tecnológica

Um outro aspecto que estou considerando em torno da cultura digital se refere às implicações não tecnológicas desse fenômeno, isto é, as relações. No caso do contexto escolar, interessa-me aqui discorrer sobre as percepções dos professores em torno da própria interação com as tecnologias e como percebem a relação dos alunos com estes artefatos. Acredito que estas são questões que permitem tangenciar como os docentes vêm interagindo com os estudantes no contexto da cultura digital e, a partir disto, como se colocam enquanto mediadores da relação dos alunos com as tecnologias.

Denomino esta mediação como mediação tecnológica, uma vez que o conceito de mediação já apareceu em muitas passagens aqui, por conta do modo como os entrevistados percebem a profissão hoje. Ressalto que as duas noções estão imbricadas, porque tanto na mediação que o professor desempenha no processo de ensino e aprendizagem, quanto no que chamo de mediação tecnológica, o fim precípua é o conhecimento.

No geral, todos os entrevistados concordaram que se aprende com as tecnologias. Entretanto, quando refletiram sobre os meandros desse tipo de aprendizagem, não somente discorreram sobre o próprio processo, mas mencionaram bastante o estudante, ponderando sobre a aprendizagem destes. Como desdobramento do viés educacional das tecnologias, nos discursos desses docentes, elas não foram entendidas como um fim em si mesmo, mas, como algo que, para contribuir de fato com a aprendizagem, na perspectiva da passagem do acesso a informação para a construção de conhecimento, precisa de condução; de “*uma boa condução*” (professor Carlos). Esta forma de condução é o que estou chamando de mediação tecnológica.

No quadro a seguir, apresento os principais termos que os professores utilizaram para definir a própria relação com as tecnologias, associados as expressões que utilizaram para definir a interação dos alunos com esses aparatos. Neste caso, o que estou chamando de relação tem a ver com a maneira como os entrevistados qualificam as interfaces docente/TIC e estudante/TIC. Nestas colunas, foram destacados os termos mais recorrentes.

Nome	Interação dos professores com as tecnologias	Percepção da relação dos alunos com as TIC
Rubi 34 anos	Considerou-se usuária das tecnologias, embora não tão avançada	Contato incessante, contínuo
Victor 27 anos	Tecnologias como meios inevitáveis de usar. Não considera que tem tanto lapso, quando se compara aos mais novos. Porém, acredita que pesquisa com mais acuidade do que estes	Inseridos na cultura digital desde cedo, sabem mexer nos equipamentos, tem acesso a informações. Mas, não sabem apurar estas informações
Ricardo 35 anos	Declarou sempre ter gostado muito das tecnologias, tem interesse. Acredita que não tem dificuldades. Definiu-se como viciado em tecnologias - <i>hard user</i> . Busca consumir não somente como produto, mas como uma ferramenta que facilita	Os jovens não se apropriaram do meio digital como uma ferramenta, consomem como um produto em si. Não aproveitam todas as possibilidades tecnológicas dos meios. Não sabem pesquisar
Maria A. 49 anos	Definiu-se como analfabeta total e revoltosa. Considera as tecnologias um caos. Tem medo de realizar transações bancárias, desconfia das informações que advêm da internet. Não se sente atraída pelas TIC, a ponto de buscar se aperfeiçoar. Acha que os adultos estão muito enraizados e tem dificuldade de se adaptar	Engajados, sabem de tudo, não tem medo de quebrar, não tem medo de ousar, rapidez de raciocínio, capacidade de pensar em várias coisas ao mesmo tempo, são hábeis
Ana C. 44 anos	Declarou ter horror a computador e não gostar de tecnologias. Disse ter preconceito em relação à máquina. Acha que esta postura pode ser “coisa de velho” e que, portanto, está ficando velha. Considera o contexto de tecnologias um negócio meio assustador	Interação total com as TIC, dependência, comunicação intensa, uso afastado do aspecto educacional, não têm preconceito em se relacionar com os meios
Irina 37 anos	Pesquisa bastante a partir das TIC, acreditando que são meios que facilitam a vida. Mas, acha que ainda não incorporou a questão da comunicação com os meios da mesma forma que os mais jovens.	Estabelecem uma relação mais social, de comunicação, são dependentes, não tem interesse pelas informações, não tem iniciativa para a pesquisa
Cecília 42 anos	Considera-se tão capaz quanto um adolescente	Inseridos, têm muito conhecimento
Durval 47 anos	Considera o conhecimento que tem limitado. Definiu-se como semianalfabeto em relação às tecnologias	Domínio, facilidade, contato constante com as TIC, já nasceram nesse ambiente
Márcia 58 anos	Sente-se atraída pelas tecnologias e gosta de aprender. Apesar disso, o primeiro contato passou pelo medo. Considera que domina menos do que os alunos	Domínio, facilidade, estão à frente porque faz parte do mundo deles, intenso contato com informações

Nome	Interação dos professores com as tecnologias	Percepção da relação dos alunos com as TIC
Derli 51 anos	É de outro momento, sente-se meio híbrido, mas tendendo mais ao tradicional. Não se considera dependente, mas tenta dialogar com essa realidade; está aberto.	Acesso intenso a informações, liberdade e facilidade com os meios, dependência. Imersão nessa realidade. Relação superficial com as redes sociais e com as informações.
Valdir 28 anos	Considera a própria relação com as informações problemática, devido ao pouco aproveitamento. Acha que não vem estabelecendo uma relação cognitiva com as informações da maneira como os mais jovens estão estabelecendo. Dificuldade em compreender os processos (programação, linguagem lógica). Estranhamento.	Relação problemática com as informações, desinteresse e descompromisso com a informação. Pertencimento a um mundo digital. Amplo uso da ferramenta – nova relação cognitiva com os meios
Patrícia 42 anos	Considera que a geração a qual pertence não convive tão intensamente com os meios e que, por isso, o cérebro não está adaptado	Estão à frente, mais desenvolvidos em habilidades tecnológicas, facilidade, intuição
Otávio 41 anos	Considera-se tão dependente dos meios quanto os alunos, embora tenha mais experiência e maturidade nessa relação	Não sabem pesquisar; falta de autonomia diante das informações e falta de maturidade
Carlos 50 anos	Dificuldade, resistência. Apesar disto, é a favor de dialogar com as mídias e desenvolver raciocínio crítico sobre elas. Considera-se um pouco conservador	Inseridos no mundo digital desde pequenos, relação natural com os meios, usuários intensos. Tendem ao vício. Resistentes em construir conhecimento
Sônia 51 anos	Apesar de usar bastante, tenta se disciplinar para não se perder no que vai fazer na internet. Aprende por obrigação, porque “não é a sua praia”	Compulsão, dependentes, mais propensos aos riscos das mídias, prioridade para a comunicação, lêem menos

Quadro 7 - Impressões dos professores acerca da própria interação com as tecnologias e da relação dos alunos com as TIC

No quesito mais geral das relações, como vimos, na visão dos entrevistados, quando as TIC foram compreendidas como linguagem, a percepção da distância entre alunos e professores aumentou. Porém, em outra direção, devido ao caráter lúdico das tecnologias, elas foram apontadas como instrumentos de aproximação, como aliadas na atração que o docente pretende exercer sobre o estudante na sala de aula. Outro tipo de aproximação entre alunos e professores se configurou na questão do feedback. Muitos dos entrevistados acreditam que, principalmente por conta das redes sociais, podem ter seu trabalho avaliado pelos estudantes,

recebendo retornos positivos ou negativos acerca deste. Além do feedback, as redes sociais estão sendo utilizadas por alguns docentes como uma espécie de prolongamento da sala de aula, espaço no qual declararam esclarecer as dúvidas dos alunos e combinar e/ou reforçar as tarefas em torno do conteúdo.

No tocante à maneira como percebem a própria interação com as TIC, os docentes estão mais ou menos divididos entre aqueles que são afeitos as tecnologias e se consideraram usuários intensos e aqueles que estão mais distantes desses meios, têm receio em se aproximar e os vêem, mesmo, de forma ameaçadora, ao revelarem medo e preconceito. No caso dos estudantes, a relação com as TIC foi percebida em dois aspectos. Em um, no viés tecnológico, eles estariam à frente, apresentando alta frequência de uso e bastante desenvoltura, mas no sentido das informações, não estão sendo concebidos como privilegiados.

Quanto a mediação tecnológica, os traços identificados nas falas dos professores têm a ver maçicamente com a mediação para a aprendizagem, ou seja, esta intervenção teria como principal mote a transposição das informações em conhecimento. Nisto, muitos docentes se sentiram implicados:

Então, eu acho que o desafio é desenvolver essa capacidade crítica pra usar esse instrumental; de sempre colocar pra eles que isso não é um fim em si mesmo. Mas é um... é um instrumento que se tem pro conhecimento. Como em outras eras da humanidade se descobriu outros instrumentos. O livro impresso apareceu, também criou esse furor. Então, eu acho que... é ter sempre essa visão crítica, de estimular a leitura linear e em profundidade dos próprios textos. Romper com essa ideia da fragmentação que a internet, muitas vezes, pode provocar... Então, é isso! Sempre colocar essa questão crítica pros alunos (professor Derli).

Se o jovem que chega à sala de aula hoje, devido ao amplo acesso a informações proporcionado pelas tecnologias, altera o lugar do docente, do centro do ensino para o mediador da aprendizagem, os próprios professores entenderam que essa interação com as TIC é problemática. Desta forma, o estudante, no ponto de vista dos entrevistados, não estaria conseguindo transpor a utilização das tecnologias em aumento do conhecimento, pois apesar do estreito contato com informações, as finalidades com as quais os alunos recorrem às TIC têm sido vistas, pelos docentes, como mais direcionadas ao entretenimento. Por isso, para os entrevistados, caberia a eles intervir na interface estudantes/tecnologias, conduzindo estes a um melhor aproveitamento das informações. Ou seja, se por um lado, o aluno foi classificado como mais especializado tecnologicamente, por

outro, no tocante as informações com vias a mediação tecnológica, o professor parece reassumir o centro.

Contudo, parece haver duas perspectivas convivendo entre os professores investigados. Enquanto para alguns, no sentido da mediação tecnológica, as TIC foram concebidas como ferramentas que dependem de mediação para que o aprendizado se efetive, para outros docentes parece haver uma ideia de que as tecnologias são capazes de alterar as relações cognitivas que estamos estabelecendo, considerações contraditórias a noção de mediação e que parecem não sofrer tanto a influência da idade. Quanto a este quesito, um professor mais novo, de 28 anos, ao se referir a relação dos jovens com as tecnologias, comentou que *“a formação e a experiência de mundo que eles fazem pertencem a um outro tipo de construção mental, a um outro tipo de construção cognitiva, a um outro tipo de construção linguística. E eu tenho que me atualizar, obrigatoriamente!”* (professor Valdir).

Nesse mesmo sentido, uma docente de 42 anos declarou:

Você aprende a lidar com várias informações ao mesmo tempo. Acho que seu cérebro fica meio que computadorizado, entendeu? Você... eu acho assim... muda num sentido... muda também porque você ganha tempo para tudo, entendeu? Economiza o seu tempo. Eu acho que você aprende... deixa o seu cérebro mais... é... sei lá... mais desenvolvido... não sei (professora Cecília).

Segundo um docente de Filosofia, de 51 anos, *“os alunos não conseguem mais se ver sem essa tecnologia [...] que é a extensão do universo deles... da estrutura neurológica deles”* (professor Derli). E ainda, uma docente de 49 anos disse:

o meu filho... ele tem esse... esse raciocínio muito rápido. Eu vejo as tiradas dele, até por conta... não só por conta de computador, porque não nasceu na frente de um... mas do acompanhamento junto com a geração dele; todo mundo criado de uma determinada maneira, com informações pela televisão, depois pelo computador. O raciocínio dele voa! Impressionante! (professora Maria Amélia).

Interessante notar que alguns docentes, de fato, acreditam que devam intervir na relação dos estudantes com as tecnologias em prol da aprendizagem. Entretanto, num outro viés, outros professores, por perceberem os jovens como mais desenvolvidos no contexto da cultura digital e como mais hábeis nos processos tecnológicos, supondo inclusive novas capacidades cognitivas, acabam por recuar na mediação que poderiam exercer. Falas, como as destacadas acima, trazem indícios do mito da cultura digital, no sentido do conflito de gerações. Isto parece

indicar que, mesmo que em termos de discurso, alguns professores venham se colocando como mediadores da interação dos alunos com as tecnologias, parece que, quando partilham do mito da digitalização, efetivamente, acabam ficando distantes dessa condição de mediadores tecnológicos com vias ao conhecimento.

Pode-se considerar que estes docentes ainda não tomaram propriamente o lugar de mediadores da relação dos alunos com as tecnologias. Enquanto isso não acontece, de fato, os dois lados perdem: os estudantes, devido a possibilidade de aprender, e os professores, por conta da oportunidade de se aproximar da realidade do aluno, de tornar o ensino mais interessante e angariar novos aliados para a aprendizagem.

5.8

Relações entre o imaginário tecnológico e a prática pedagógica com recurso de tecnologias

Por mais que, como visto, os docentes entrevistados tenham partilhado de uma postura de dever utilizar as tecnologias no contexto escolar, por acreditarem que se aprende com elas e que, por conta do caráter lúdico e ilustrativo destas, o ensino se tornaria mais atraente ao aluno, eles não vêm usando consideravelmente estes recursos na sala de aula. Além dos fatores já apontados para a distância entre o uso cotidiano/social e o uso em contexto escolar das TIC (infra-estrutura da escola, falta de tempo e de formação), neste item, pretendo considerar a hipótese da existência de um imaginário tecnológico atravessando a percepção que os docentes têm de tecnologias, de si próprios e dos estudantes, como usuários de TIC, e condicionando a utilização desses artefatos nas atividades em sala de aula.

Como defendido no início desta argumentação, a hipótese com a qual estou trabalhando é a de que o imaginário tecnológico apresentaria uma materialidade na atuação do professor, ou seja, a prática pedagógica desse profissional estaria sendo influenciada pelo mito da cultura digital. Essa materialidade do imaginário tecnológico se efetivaria no modo como o docente insere tecnologias digitais em sala de aula: quando esse imaginário é amistoso em relação às tecnologias, pode acabar sendo um contributo para o uso de TIC nas atividades em classe. Mas, quando o imaginário que os docentes revelam é tributário do mito da digitalização, em especial no que diz respeito a diferenças geracionais associadas à incompetência das gerações mais velhas em face de uma alta competência das

gerações mais novas, pode ser mais um fator que afasta a disposição de inserir tecnologias na sala de aula de modo voluntário e inovador.

No quadro que segue, foi estabelecida uma associação entre a percepção dos professores sobre a interação dos estudantes com as tecnologias e a efetiva presença de TIC em sala de aula. Quanto a esta percepção, a partir das definições reveladas pelos docentes acerca da relação dos alunos com as tecnologias (expostas no quadro 7), o grupo de entrevistados foi dividido entre aqueles que partilham do mito no tocante ao conflito de gerações ou não, por meio de considerações que os próprios professores expuseram. Um mesmo docente pode tocar a questão do mito da cultura digital por outros vieses, mas, aqui estou considerando somente a vertente específica das gerações mais novas, ou seja, como ele vem concebendo os jovens diante das TIC. Quanto à presença de tecnologias em sala de aula (expostas no quadro 6), de acordo com as declarações dos próprios entrevistados em torno da recorrência às tecnologias, propus a classificação do grupo em três subgrupos: uso considerável, uso mediano e uso baixo/inexistente.

Nome	Mito a partir da percepção da interface estudantes/tecnologias	Frequência de uso de TIC em sala de aula
Rubi 34 anos	Apesar de ter destacado o intenso contato dos jovens com as TIC, não os definiu como muito habilidosos – não partilhou do mito	Uso mediano
Victor 27 anos	Apesar de achar que os alunos têm mais habilidade com os aplicativos digitais, considerou problemática a relação deles com as informações – não partilhou do mito	Uso mediano
Ricardo 35 anos	É rasa a relação que os mais jovens estão estabelecendo com os meios digitais, não aproveitando todas as possibilidades desses meios. Também não sabem pesquisar – não partilhou do mito	Uso mediano
Maria A. 49 anos	As novas gerações têm o raciocínio alterado por conta das TIC – partilhou do mito	Baixo uso
Ana C. 44 anos	Apesar de achar que o uso de TIC por parte dos alunos não passa pelo aspecto educacional, considera que as tecnologias fazem parte do mundo dos jovens, por isso eles não tem preconceitos nessa relação, são usuários natos – partilhou do mito	Baixo uso

Nome	Mito a partir da percepção da interface estudantes/tecnologias	Frequência de uso de TIC em sala de aula
Irina 37 anos	Apesar de ter considerado o contato incessante dos jovens com as TIC, apontou os problemas dessa relação, principalmente quanto à pesquisa – não partilhou do mito	Baixo uso
Cecília 42 anos	Apesar de achar que o contato com as tecnologias deixa o cérebro computadorizado, não estabeleceu distinção entre sua geração e as gerações mais novas; pode vivenciar o mito no que diz respeito ao maravilhamento com as máquinas, mas não no que se refere aos jovens – não partilhou do mito	Uso considerável
Durval 47 anos	Como os jovens já nasceram nesse ambiente, dominam muito e tem facilidade – partilhou do mito	Uso mediano
Márcia 58 anos	Apesar de estar nas redes sociais, se comunicar com os alunos nesses meios, gostar de aprender sobre as TIC, acha que os alunos dominam mais, aprendem com mais rapidez e facilidade. As gerações mais jovens estão à frente porque faz parte do mundo deles – partilhou do mito	Uso mediano
Derli 51 anos	Apesar de ter considerado que o professor precisa auxiliar o aluno no tratamento em profundidade das informações, acha que as TIC seriam a extensão da estrutura neurológica dos jovens - partilhou do mito	Baixo uso/inexistente
Valdir 28 anos	Apesar de achar que todos estabelecem uma relação problemática com as informações advindas das mídias, acredita que as novas gerações apresentam uma nova construção cognitiva – partilhou do mito	Baixo uso
Patrícia 42 anos	Acredita que os alunos estão à frente quanto às TIC, têm mais facilidade do que os adultos e são intuitivos - partilhou do mito	Uso mediano
Otávio 41 anos	Destacou problemas na relação do aluno com as informações. Não diferenciou o intenso contato que os jovens têm do contato que ele próprio estabelece com as TIC, uma vez que também é usuário intenso – não partilhou do mito	Uso considerável
Carlos 50 anos	Considera os jovens usuários natos, por estarem inseridos no mundo digital desde cedo – partilhou do mito	Uso mediano
Sônia 51 anos	Apesar de ter pontuado a proximidade dos alunos com as tecnologias, não os destacou como muito habilidosos – não partilhou do mito	Uso mediano

Quadro 8 - Docentes segundo o mito de gerações na cultura digital e a utilização de TIC em sala de aula

Grande parte dos professores entrevistados declarou imensa dificuldade em utilizar as TIC em sala de aula. Apesar de a maior incidência ser de uso mediano desses meios, isto diz respeito a uma frequência de, no máximo, uma vez por mês, momentos em que as tecnologias estão presentes a partir de filmes e exposição de *slides* em editores de apresentações. Classifiquei essa frequência como uso mediano, mesmo sendo muito pequena, para diferenciar daqueles professores que nunca usam TIC em classe. Os docentes que menos utilizaram as tecnologias em sala de aula, apresentando um baixo uso, foram os que, do meu ponto de vista, parecem mais propensos ao mito da digitalização. Em contrapartida, os dois entrevistados que apresentaram uso considerável das tecnologias no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas (com frequência de uma vez por semana ou mais) não pareceram partilhar do mito de gerações.

Como mencionado, o baixo uso de TIC na escola tem a ver com questões como a capacitação insuficiente dos professores, o precário suporte da estrutura escolar e a escassez de tempo. Mas, é inegável que, os docentes que declararam mais utilizar as tecnologias no contexto escolar são aqueles que não se distinguiram dos alunos na seara da cultura digital, colocando-se no mesmo patamar de especialização tecnológica que estes. Estou ciente de que o quantitativo dos dados aqui apresentados não permite afirmações mais abrangentes, mas, pretendi, com isso, ensejar uma discussão em que se considere o que o professor pensa, em que se garantam espaços de debate, tanto pela ausência destes nas políticas públicas de formação docente, quanto porque os próprios professores vem indicando essa carência.

Nesta análise das influências do imaginário tecnológico na prática pedagógica, acredito que o imaginário tecnológico dos docentes pode apresentar desdobramentos materiais, simplesmente, devido à presença ou ausência de TIC em sala de aula. É neste sentido que sigo a pressuposição de que um dos elementos para o professor lançar mão ou não das TIC em sala de aula se refere ao imaginário tecnológico experimentado por ele. Como já dito, por sua vez, este imaginário pode se manifestar amistoso quanto às tecnologias (o que favoreceria seu uso em sala de aula) ou partidário do mito, que posiciona os jovens num nível de *expertise* tecnológica superior em relação aos docentes (o que contribuiria para o não uso de TIC em classe).

Mais do que a associação pretendida entre o imaginário tecnológico e o uso ou não uso de TIC em sala de aula, o que se tornou flagrante aqui foi a questão do mito: como alguns professores, de fato, vêm partilhando da perspectiva de que as gerações vindouras são mais desenvoltas e estão mais aptas a lidar com o que eles entenderam como sendo uma nova realidade.

Entre os entrevistados aos quais atribuí o compartilhamento do mito da cultura digital, no que diz respeito ao conflito de gerações, foi comum a atribuição de capacidades de ordem cognitiva e neurológica aos jovens, que seriam obtidas no contato e convivência com os meios digitais. Mesmo que essas qualidades ainda não tenham sido comprovadas, é interessante notar o quanto elas compõem a percepção dos docentes sobre os estudantes frente às TIC. Como tratado anteriormente, uma das implicações negativas desse imaginário está relacionada à mediação tecnológica, em que o professor pode se colocar muito pouco na intervenção da relação entre os alunos e as tecnologias. Outra incidência deste imaginário se refere às práticas pedagógicas, em que, por mais que não se possa apontar tendências entre concepções e usos efetivos de tecnologias (devido ao pequeno número de sujeitos aqui investigados), ao menos, a título de conhecimento dos docentes entrevistados, pode-se verificar o quanto o mito em relação aos mais jovens foi recorrente.

Muito ainda é preciso ser feito para se reverter as condições estruturais de inserção das TIC na escola. Diante disto, defendo iniciativas que oferecem formação técnica e pedagógica para o uso das tecnologias, mas penso que é também necessário que se assegurem oportunidades de discussão, onde possa ser problematizado o imaginário tecnológico que muitos de nós vivenciamos, partilhamos e que atravessa o exercício de nossa profissão.

5.9 Imaginário tecnológico dos professores

Comecei esta análise considerando que o que os docentes pensam sobre as tecnologias e sobre a cultura digital são questões que podem auxiliar a captar insumos do imaginário tecnológico que eles carregam. Ao longo da análise da empiria, esse imaginário pareceu fortemente vinculado à figura do professor, ou seja, às implicações do cotidiano e da rotina dessa profissão, apresentando, logo

num primeiro momento, sua configuração em via de mão dupla: ao mesmo tempo em que o imaginário incide sobre os diferentes campos da vida cotidiana, certas características mais objetivas do cotidiano podem atravessar o imaginário, qualificando-o. Neste caso específico, o imaginário tecnológico dos docentes pareceu influenciar a sua atuação, bem como, o fato de serem professores singularizou esse imaginário. Por isso, foi importante não somente compreender como os entrevistados definem tecnologias e cultura digital, na direção de identificar elementos do imaginário, mas também, na outra via, entender como o fato de já serem docentes molda esse imaginário, uma vez que, como percebido ao examinar as entrevistas, os discursos que formulam para falar de tecnologias são, sobretudo, discursos de professores.

O que os entrevistados revelaram perceber sobre cultura digital e tecnologias indicou alguns insumos do imaginário tecnológico que eles experimentam e que pareceu apresentar indícios do mito da digitalização, especialmente em dois aspectos: o advento da cultura digital como algo radicalmente novo e, por isso, a percepção de que os jovens seriam especializados tecnologicamente por terem nascido em meio a essa realidade, em um contexto de fácil e intenso acesso as tecnologias digitais, como sugerem algumas falas:

Cultura digital... pois é... é um terreno ainda pra se conhecer. Quer dizer, primeiro pra romper certas barreiras, que são barreiras de geração mesmo... Na verdade, você se alfabetizou e se encaminhou ainda em um mundo que não era digital... daí... às vezes, um pouco de dificuldade, resistência... Acho que é normal... é diferente do menino que já... ele é inserido nisso desde muito cedo, então pra ele é natural... é uma prática diária. Então... já vai automático... (professor Carlos).

Eles parecem que já nasceram com esse gene... A facilidade com que uma criança de quatro, cinco anos... Eles mexem em qualquer aparelho e sem ter tido aula disso, parece que é por intuição, não sei. É uma facilidade incrível! Eles já nasceram nessa cultura, já nasceram engajados, de alguma forma... Essa evolução, no meu tempo, não tinha, mas, quando o meu filho nasceu, parece que ele já... eu acho que de tanto ver que existe, ele já nasceu entendendo um pouco... As crianças são assim... então, isso pra eles acho que se... se tirar morre! (professora Maria Amélia).

Comparando a própria desenvoltura com a dos mais novos diante das tecnologias, a professora Ana Cristina comentou:

Eu acho que é uma questão de... não faz parte da minha, do meu crescimento. Não é da minha geração! É por isso que eles têm muito mais facilidade com tudo isso do que eu. Com certeza, com certeza! Meu filho de cinco anos entra no computador... faz coisas que eu fico olhando pra cara dele -- meu Deus do céu, levei um tempão pra aprender! -- E ele, assim... parece que nasceu com aquilo já. Saiu de dentro da barriga já sabendo digitar e entrar na internet. Por exemplo, ele entra na internet sozinho.

Sobre a relação que percebe que os estudantes estabelecem com as tecnologias, o professor Derli disse:

Meus alunos têm uma liberdade com esse tipo de instrumento tecnológico que é fantástica! Eu acho bacana! Eu gosto de ver o aluno se apropriando disso... tendo facilidade. Eu não faço um pouco o perfil do... deslocado, não! Eu tenho mais admiração por isso, em relação ao aluno. E tento aproveitar... sugar o máximo de tudo que ele possa ter e passar pra mim. Fazer essa troca.

Ao passo que pontua a liberdade e facilidade com que os jovens utilizam as tecnologias, este professor se considera, devido à geração a qual pertence, mais tradicional na aproximação com as TIC:

Eu sou de outro momento. Eu, assim... eu utilizo internet... utilizo, de vez em quando, as redes sociais, mas não da mesma maneira. Assim... da mesma maneira, não! É uma maneira bem mais... eu me sinto meio híbrido. Mas, tendendo mais ainda ao tradicional. Por exemplo -- livro -- eu não abro mão do livro impresso, do jornal impresso. Ainda tenho essa relação meio... meio estrutural com essa questão do impresso.

Foi a partir dos elementos do imaginário tecnológico apresentados pelos professores investigados que considerei, também, alguns atravessamentos promovidos por este imaginário, ou seja, ele foi tomado como o quadro referencial com o qual discuti os demais temas dessa análise. Concebendo o imaginário tecnológico como um prisma a partir do qual os entrevistados estão olhando para a própria atuação, a relação tecida entre a cultura digital e a função pedagógica também ajudou a entender o que eles estão pensando acerca do advento e como posicionam a profissão docente nessa conjuntura. Como visto, as principais implicações da cultura digital ao trabalho docente foram relacionadas ao conhecimento. Todos os docentes entrevistados acreditam que se aprende com as tecnologias. E, por isso, elas podem ser recursos facilitadores da aprendizagem, devido ao caráter ilustrativo que atribuíram a estas ferramentas. Como consequência, as tecnologias qualificariam o ensino, ao torná-lo mais lúdico.

Por meio do imaginário tecnológico partilhado pelos docentes, também busquei compreender como eles percebem a própria profissão nos tempos atuais, no sentido de supostas mudanças para a figura do professor no contexto da cultura digital. Uma das marcas que mais ressaltou a mudança na atuação docente, na perspectiva dos entrevistados, teve a ver com o amplo trânsito de informações proporcionado pelas tecnologias digitais que contribuíram, antes de tudo, para alterar a percepção do professor sobre o aluno de hoje: aquele que pode desestabilizar o lugar do docente por estar em frequente contato com informações.

Neste sentido, uma das principais mudanças na prática pedagógica foi a questão da mediação para o conhecimento, na qual o professor deixa a posição de detentor do saber.

As reflexões trazidas por eles também foram frutíferas para pensar como estes profissionais se sentem ao exercerem a docência nesse mesmo contexto. Viu-se que o imaginário tecnológico desses professores manifestou o mito da cultura digital no que se refere a distinção entre gerações, no qual os jovens foram compreendidos como usuários *experts* em tecnologias quando comparados aos adultos, devido ao fato de a nova geração ter nascido rodeada pelos artefatos digitais da comunicação. Entretanto, isto não induziu a um sentimento de desautorização por parte do professor frente ao estudante. O principal traço do sentimento partilhado pelos professores investigados no contexto específico das tecnologias pareceu ter a ver com uma espécie de filiação. Mesmo acreditando que o aluno estaria à frente na utilização das tecnologias, estes professores também acreditam que se aprende com as TIC, o que implicaria no processo de ensino. Neste sentido, eles revelaram o desejo de se aproximar de tais aparatos.

Por outro lado, considerei as supostas influências deste imaginário na impressão que estes docentes têm da relação entre eles e os alunos na seara das tecnologias. Neste quesito, surgiu a questão da mediação tecnológica: a maneira como os professores intervêm na relação entre os alunos e as tecnologias, em prol da aprendizagem. Esta mediação acabou sendo um desdobramento de como os professores, em sua maioria, perceberam o seu papel no contexto atual: cuja principal mudança se refere a mediação que passaram a exercer em lugar da centralidade no ensino. Por isso, a mediação tecnológica teria também a ver com essa mediação para o conhecimento, ou seja, como contribuir para a passagem do contato com informações, via tecnologias, para a construção de conhecimento. Na análise dos dados, foi possível identificar dois grupos: de um lado, os professores que acreditam nessa mediação tecnológica; de outro, aqueles que, por serem tributários do mito da digitalização (no que tange as distinções entre gerações, atribuindo aos jovens capacidades de ordem cognitiva e neurológica), acabam recuando na tarefa de mediar.

No caso das práticas pedagógicas em sala de aula com uso de tecnologias, a análise teve o objetivo de discorrer sobre como elementos do imaginário tecnológico vivenciado pelos docentes condicionam as práticas pedagógicas com

uso de tecnologias. Além dos impasses indicados para a baixa utilização de tecnologias no contexto escolar, tais como, carência de tempo, precária infraestrutura da escola e de formação, o imaginário foi considerado como mais um fator em torno do uso de tecnologias na escola. Identifiquei na fala de muitos professores sinais de compartilhamento do mito da cultura digital no que tange à distinção entre gerações, ao se colocarem como menos especializados em TIC do que seus alunos e superestimarem a capacidade destes de obter conhecimento com o uso de tecnologias digitais.

Mais do que a pretensão de apontar tendências entre o imaginário tecnológico e o uso ou não uso de TIC em classe, o que mais se ressaltou foi o fato de que os entrevistados estão vivenciando essa questão do mito, sendo mesmo recorrente a crença de que os jovens estão desenvolvendo qualidades de caráter cognitivo e neurológico, por conta da relação com as tecnologias, que independeriam totalmente da mediação dos adultos.

Num mundo que é substancialmente tecnológico, acredito que a relação com as tecnologias está atravessada por uma série de posicionamentos, não sendo uma relação meramente técnica, dentre os quais, o imaginário tecnológico pode exercer influência. Desta forma, as relações com as tecnologias podem ser vistas como práticas sociais porque repletas de significados. Estas práticas advêm da variedade de significados aos quais recorreremos para ordenar e padronizar nossas ações em relação ao contexto cultural do qual fazemos parte, em relação aos demais sujeitos desse contexto. Ao mesmo tempo em que estes significados compõem nossas culturas, também garantem que as demais práticas sociais gerem significados (HALL, 1997).

Interessante notar que os significados atribuídos pelos docentes em torno das tecnologias revelaram características do mito, como já dito. Isto pode atravessar significativamente a atuação deles; as práticas que vem desenvolvendo. Quando as gerações recém-chegadas – a geração pós-internet (Lara e Quartiero, 2011) – estão sendo concebidas como mais equipadas para viver no mundo; de forma inata, estando à frente dos seus antecessores na era digital, isto pode trazer conseqüências negativas ao trabalho docente, tanto pela mediação tecnológica que os professores deixam de exercer, quanto por conta das práticas pedagógicas, que podem estar deixando de ganhar as tecnologias como aliadas.